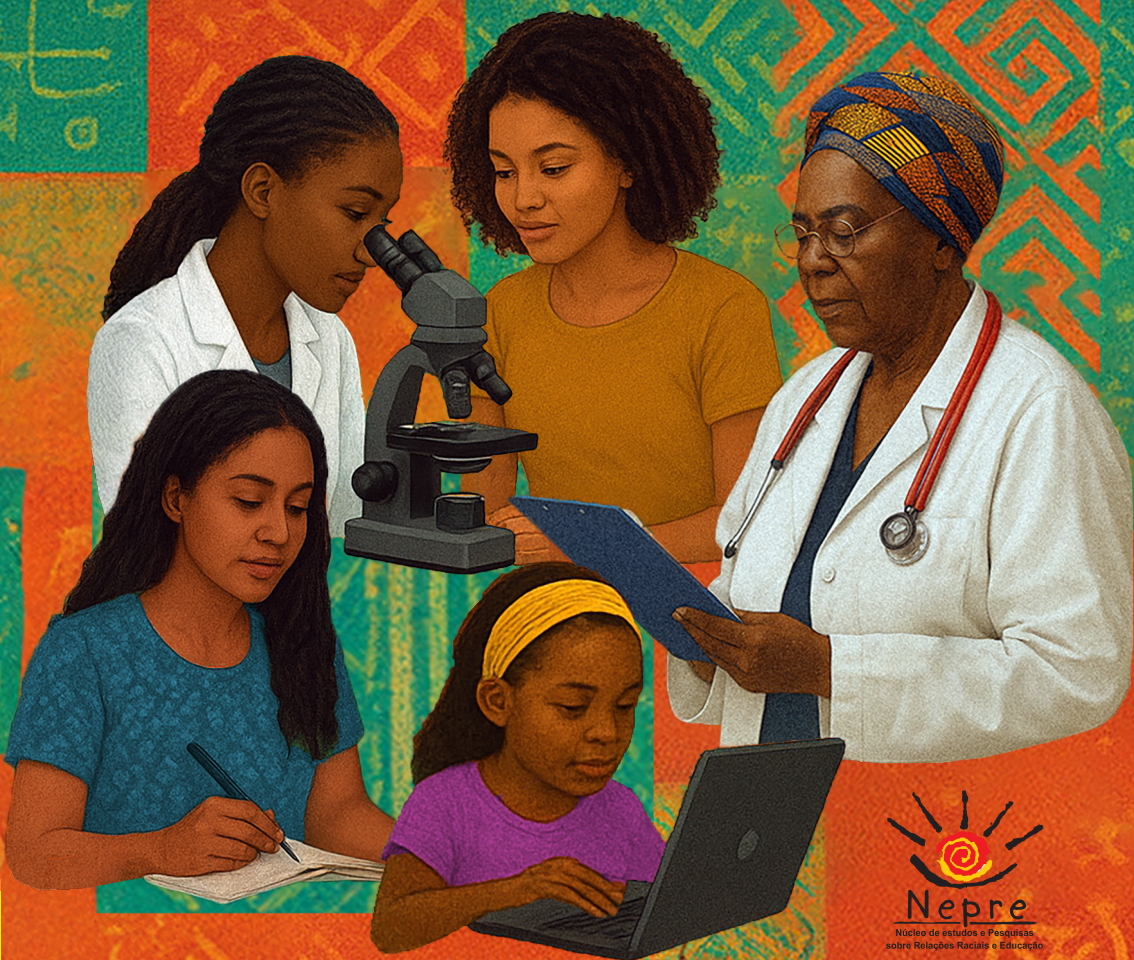


**XIX JORNADA  
DESIGUALDADES RACIAIS  
NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**ANAIS 2025**

# **MULHERES NEGRAS NAS CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS**



**XIX JORNADA**  
**DESIGUALDADES RACIAIS**  
**NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

# **MULHERES NEGRAS NAS CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS**

**ANAIS 2025**



Cuiabá-MT  
2025

© NEPRE-UFMT, 2025.

Qualquer parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada de forma gratuita, por meio eletrônico, fotocópia e outros, desde que citada a fonte.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão dos autores.

---

XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira:  
Mulheres Negras nas Ciências e Tecnologias: (12-2025: Cuiabá-MT)  
Anais [...] XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Básica,  
Práticas Pedagógicas e Experiências Interdisciplinares. Cuiabá-MT,  
UFMT, Nepre 2025, 89 p.

ISBN: 978-65-85106-72-6

1. Educação. 2. Desigualdades Raciais. 3. Mulheres Negras. 4.  
Ciência e Tecnologia. 5. Relações Étnico-Raciais. I. Título.

---

Realização

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais  
e educação – Nepre/UFMT – 2025

Direção Editorial

Profa. Dra. Ana Luisa Alves Cordeiro

Revisão Vernácula

As/os autoras(es)

Revisão Técnica

Maria Magna Feitosa dos Santos

Jeniffer Regina Lima Rodrigues

Eni Gonçalves da Silva Cambui

Capa projeto Gráfico e Editoração

Candida Bitencourt Haesbaert

Apoio:



**Paruna Editorial**  
Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento  
CEP: 01552-020 – São Paulo, SP  
Fone: 11 97958-9312  
[www.paruna.com.br](http://www.paruna.com.br)

Realização:





## **XIX JORNADA DESIGUALDADES RACIAIS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

### **Coordenação Geral**

Profa. Dra. Ana Luisa Alves Cordeiro (UFMT)

Profa. Dra. Candida Soares da Costa (UFMT)

### **Comissão Científica**

Ana Carolina da Silva Borges (UFMT)

Ana Luisa Alves Cordeiro (UFMT)

Candida Soares da Costa (UFMT)

Cintia Santos Diallo (UEMS)

Cristina Soares dos Santos (UFMT)

Deborah Luiza Moreira Santana Santos (UFMT)

Dolores Cristina Gomes Galindo (UFCG)

Edson Luis Ismael do Carmo (UFMT)

Graciele Marques dos Santos (UFMT)

Jeniffer Regina Rodrigues de Lima (UFMT)

Josiane Silva de Oliveira (UFMT)

Julianne Caju de Oliveira Souza Moraes (UFMT)

Mariana de Oliveira Neves (UFMT)

Mauricio Macedo Vieira (UEMS)

Maristela Abadia Guimarães (IFMT)

Mory Marcia de Oliveira Lobo (UFMT)

Rosana Fátima de Arruda (UFMT)

Sérgio Pereira dos Santos (UFES)

Sílvia Lúcia Ferreira (UFBA)

Telma Amorgiana Fulane Tambe (UFABC)

Zizele Ferreira dos Santos (UFCG)

### **Comissão Organizadora**

Adenilson de Campos Barbosa (UFMT)

Agira Marcos (Universidade Eduardo Mondlane)

Alice Gabriele Gomes Marqueto (UFMT)

Ana Clara Nunes Barbosa (UFMT)

Ana Luisa Alves Cordeiro (UFMT)

Antonia Eneide de Lima Silva

Caeu da Silva (UFMT)

Candida Soares da Costa (UFMT)

Carmen Cinira Siqueira Leite (Conselho

Municipal de Educação de Cuiabá PNEERQ)

Celta Mário Ngomana (Universidade

Eduardo Mondlane)

Danielly Gomes Torres (UFMT)

Deborah Luiza Moreira Santana Santos (UFMT)

Edson Luis Ismael do Carmo (UFMT)

Eni Gonçalves da Silva Cambui (UFMT)

Ester Costa Oliveira (IFMT)

Fernanda Félix da Silva (UFMT)

Genecília Aparecida de Ataides Lacerda (UFMT)

Graciele Marques dos Santos (UFMT)

Gracielle Fabiane De Arruda Costa (SMECEL)

Grasyella Aparecida de Souza (UFMT)

Heloíze Regina Brito da Silva (UFMT)

Janine de Queiroz Silva Duarte Oliveira (UFMT)

Jeniffer Regina Rodrigues de Lima (UFMT)

Ilda Tiago Mavume (Eduardo Mondlane)

Kamilly Gonçalves Camargo (UFMT)

Kelly Cristina Baracho Sousa (UFMT)

Kíssila Daniel Miranda Gomes (UFMT)

Laís Vale Rocha (UFMT)

Larissa Madalena da Silva Pinheiro (UFMT)

Luan Lucas Santos Ribeiro (UFMT)

Lucília Mafunga (Eduardo Mondlane)

Lupita Amorim (UFMT)

Malsete Arestides Santana (SMECEL)

Maria Magna Feitosa dos Santos (UFMT)

Maryanna Rayssa F. da Costa Martins (UFMT)

Mauricio Macedo Vieira (UEMS)

Mevisse Selegina Nguenha (Universidade Save)

Neusia Daniel Inguane (Universidade Save)

Nilvaci Leite Magalhães (UNEMAT)

Rodolfo Rodrigues do Nascimento (UFMT)

Rosana Fátima de Arruda (UFMT)

Sérgio Pereira dos Santos (UFES)

Silvana dos Santos Costa Oliveira (UFMT)

Tacília Soares da Costa (CMPIR-VG)

Telma Amorgiana Fulane Tambe (UFABC)

Waldenis Pereira da Trindade (UFMT)

Zizele Ferreira dos Santos (UFCG)



# XIX JORNADA DESIGUALDADES RACIAIS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

26 a 28 de **NOVEMBRO 2025**

Evento presencial – paralelo ao Semiedu 2025  
Informações: [jornadanepre.ufmt@gmail.com](mailto:jornadanepre.ufmt@gmail.com)

**MULHERES  
NEGRAS NAS  
CIÊNCIAS E  
TECNOLOGIAS**

## PROGRAMAÇÃO GERAL

**Data: 26/11/2025**

**09h45:** Abertura do Semiedu 2025, no Teatro da UFMT.

**18h00:** Intervenção Artística – **IX Cultura Preta – Ações Afirmativas de Cultura na UFMT.**

**18h35:** Solenidade de Abertura da XIX Jornada.

**19h00:** Conferência de Abertura da XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira – **Mulheres Negras nas Ciências e Tecnologias.**

**Conferencista:** Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira (UFMT)

**Mediação:** Profa. Dra. Ana Luisa Alves Cordeiro (UFMT)

**20h30:** Encerramento

Exposição: **Grandes Heroínas Negras / Artes e Artesanatos Afro-brasileiros e Africanos.**

**Data: 27/11/2025**

**09h00** – Oficina (a partir de inscrições):

- **Oficina Ritmo, Voz e Resistência** – Ministrante: Mestranda Gê Lacerda.
- **Oficina de Escrivência** – Ministrante: Ma. Maria Clara Bertúlio.
- **Oficina de Estética Negra** – Ministrante: Raquel Netto dos Santos.
- **Oficina de Capoeira de Angola** – Capoeira Quilombo Angola  
Ministrante: Fabrício Camargo; Éder Luis Mathias Medeiros.
- **Oficina Mulheres Quilombolas nas Ciências: políticas de permanência e produção de subjetividades** – Ministrantes: Profa. Dra. Dolores Cristina Gomes Galindo (UFCG), Profa. Dra. Candida Soares da Costa (UFMT), Profa. Dra. Zizele Ferreira dos Santos (UFCG), Adv. Ma. Naryanne Cristina Ramos Souza – Quilombola e Profa. Ma. Luciene Tavares (INCT Caleidoscópio – UFCG) – Quilombola.

**13h30: Comunicações Orais do GT 15 – Relações Raciais e Educação – Trabalhos Completos e Relatos de Experiências Pedagógicas.**

Mediação: Profa. Dra. Candida Soares da Costa (UFMT).

**13h30: Mostra de Experiências Pedagógicas na Implementação da Educação das Relações Étnico-raciais (Lei nº 10.639/2003) e Educação Escolar Quilombola.**

Mediação: a definir no ensalamento.

**18h30:** Intervenção Artística: **IX Cultura Preta – Ações Afirmativas de Cultura na UFMT.**

**18h40:** Mesa redonda: **(Re)existência Intelectual Negra e Ancestral – Potencialidades Insurgentes de Mulheres Negras.**

Palestrantes: Profa. Esp. Antonieta Luisa Costa (Imune/MT e Casa das Pretas de MT), Profa. Dra. Mory Marcia de Oliveira Lobo (LêTece/UFMT), Profa. Dra. Cintia Santos Diallo (CEPEGRE/DAAFE/PROAFE/UJEMS).

Mediação: Profa. Dra. Ana Carolina da Silva Borges (UFMT).

**21h00:** Intervenção Artística e Encerramento.

Exposição: **Grandes Heroínas Negras / Artes e Artesanatos Afro-brasileiros e Africanos.**

**Data: 28/11/2025**

**08h30:** Intervenção Artística – **IX Cultura Preta – Ações Afirmativas de Cultura na UFMT.**

**08h40:** Roda de conversa: **Políticas Afirmativas – Reflexões críticas sobre trajetórias e experiências de estudantes negras cursistas e egressas.**

Participantes: Cristina Soares dos Santos – Doutoranda em História/UFMT, Josiane Rodrigues dos Santos – Mestra em Educação/UFMT, Julianne Caju – Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT, Karla Cristina de Sousa Oliveira – Mestranda em História/UFMT, Larissa Madalena da Silva Pinheiro – Mestra em Educação/UFMT, Lupita de Amorim Novais Silva – Graduada em Ciências Sociais/UFMT, Telma Amorgiana Fulane Tambe – Pós-doutoranda em Políticas Públicas/UFABC, Valquíria da Silva Ferreira – Graduada em Psicologia/UFMT.

Mediação: Profa. Dra. Maristela Abadia Guimarães (UFMT).

**11h30:** Intervenção Artística e Encerramento

**13h30 – Comunicações Orais do GT 15 – Relações Raciais e Educação – Trabalhos Completos e Relatos de Experiências Pedagógicas.**

Mediação: Profa. Dra. Candida Soares da Costa (UFMT).

**13h30: Mostra de Experiências Pedagógicas na Implementação da Educação das Relações Étnico-raciais (Lei nº 10.639/2003) e Educação Escolar Quilombola.**

Mediação: a definir no ensalamento.

**18h30:** Intervenção Artística: **IX Cultura Preta – Ações Afirmativas de Cultura na UFMT.**

**18h40:** Mesa redonda: **Mulheres Quilombolas nas Ciências – INCT CALEIDOSCÓPIO – Incubadora Antirracista e Feminista Norte, Nordeste e Amazônia Legal.**

Palestrantes: Profa. Dra. Dolores Cristina Gomes Galindo (UFCG), Profa. Dra. Zízele Ferreira dos Santos (UFCG), Profa. Dra. Sílvia Lúcia Ferreira (UFBA), Adv. Ma. Naryanne Cristina Ramos Souza – Quilombola, Profa. Ma. Luciene Tavares (INCT Caleidoscópio – UFCG) – Quilombola.

Mediação: Profa. Dra. Candida Soares da Costa (UFMT).

**21h00:** Intervenção Artística e Encerramento com leitura da **Carta XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira.**

Exposição: **Grandes Heroínas Negras / Artes e Artesanatos Afro-brasileiros e Africanos.**

# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	10
ENTRE ESCRIVIVÊNCIAS E ALGORÍTMOS: MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS REPROGRAMANDO NARRATIVAS E TECNOLOGIAS.....	13
A LEI 10.639/03 NO CURRÍCULO ESCOLAR E AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA.....	14
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E RELAÇÕES DE PODER NO AMBIENTE ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS .....	16
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	18
A IMPORTÂNCIA DA REZA CANTADA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO – MT.....	20
O SAPICUÁ COMO SABER VIVO NO QUILOMBO MATA-CAVALO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ETNOMATEMÁTICA .....	22
REDEMOINHO EM DIA QUENTE: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA .....	24
LISTA NEGRA DA COJIRA-MT COMO DISPOSITIVO DE VISIBILIDADE DE FONTES NEGRAS NA MÍDIA EM CUIABÁ-MT .....	25
RELATO DE EXPERIÊNCIA: OYÁ CICLO FORMATIVO EM FEMINISMOS NEGROS INSURGENTES .....	27
ENTRE HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES: EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....	28
ENTRE PINCÉIS E CORPOS EM CENA: ARTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO COMO TERRITÓRIOS DE REEXISTÊNCIA .....	29
ENTRE LEMBRANÇAS E RESISTÊNCIAS: ESCRITA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS PRÁTICAS DE PROFESSORAS QUILOMBOLAS .....	30
FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	31
EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS: INCLUSÃO, CULTURA E TERRITÓRIO SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA EM POCONÉ/MT .....	33



ROOTS, WATER AND TREES: REGGAE O DIA DA ÁRVORE.....	35
MEDIAÇÃO LEITORA AFRRREFERENCIADA NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM RECORTE DE PESQUISA-AÇÃO EM EPT .....	36
MEU CRESPO É COROA: DESCOLONIZAÇÃO DA IDENTIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	38
PROJETO MULHERES NAS CIÊNCIAS: DANDO VISIBILIDADE A MULHERES QUE FIZERAM HISTÓRIA .....	39
MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA.....	41
MULHERES QUILOMBOLAS E CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS: EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO MATA CAVALO .....	42
UMA VIDA, MUITAS HISTÓRIAS: ANTONIETA BARROS .....	44
PNEERQ EM MT: COMPROMISSO COM A SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS .....	45
PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE ESTUDOS COMO OUVINTE: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA..	46
RELIGIOSIDADE E CIÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO GRUPO DE PESQUISA GEPPEHER/UEMS .....	48
MULHERES NEGRAS QUE ESCREVEM O MUNDO: LITERATURA, CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	50
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM MATO GROSSO: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE .....	51
CONTRIBUIÇÕES DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA A FORMAÇÃO DE DUAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFMT.....	53
CORES DA ÁFRICA: CULTURA, CONSCIÊNCIA E VALORIZAÇÃO – REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA NA EMEB MARIA DIMPINA LOBO DUARTE .....	55
O RACISMO NO ENSINO DE ANATOMIA HUMANA PARA MEDICINA NO SÉCULO XXI: UMA REVISÃO NARRATIVA .....	57
EDUCAÇÃO NO HIP HOP: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE .....	59
PRIMEIRA FEIRA CORES DA CIÊNCIA E CULTURA 'DONA IVONE LARA' .....	61

ENTRE CONQUISTAS E DESAFIOS: A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 E O CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA ....	62
VIVÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO AUTOETNOGRÁFICA SOBRE IDENTIDADE, RAÇA E SEXUALIDADE .....	63
PNEERQ E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 .....	64
PNEERQ O PAPEL DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA .....	66
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA PARA ESTUDANTES MIGRANTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MATO GROSSO .....	68
PROTAGONISMO NEGRO EM MATO GROSSO: VILA SÃO VICENTE DA SERRA .....	69
RELATO DE EXPERIÊNCIA – PROJETO DE EXTENSÃO “CULTURA PRETA: AÇÕES AFIRMATIVAS DE CULTURA NA UFMT” .....	70
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “CAPOEIRA ANTIGA DE ANGOLA: ARTICULANDO VIVÊNCIAS E SABERES NA UFMT” .....	72
ENTRE O FAZER E O APRENDER: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE UMA BOLSISTA NA “OYÁ CICLO FORMATIVO EM FEMINISMOS NEGROS INSURGENTES” .....	74
GRUPO DE ESTUDOS DO NEPRE – EDIÇÃO 2025: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA EXTENSIONISTA.....	76
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EXTENSIONISTA – “XIX JORNADA DESIGUALDADES RACIAIS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA” .....	78
PROJETO KILOMBALDEYA E AS LITERATURAS DE AUTORIAS AFRODESCENDENTE E INDÍGENA.....	80
FORMAÇÃO INICIAL POR MEIO DA PESQUISA: O PIBIC COMO MOVIMENTO FORMATIVO PARA DISCUSSÕES DA ERER.....	81
DOCÊNCIA E QUESTÃO RACIAL: RELATO DE UM DOCENTE E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PRÁTICA .....	83
É HORA DA ENTREVISTA: A PERCEPÇÃO DO RACISMO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	84
CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA – LICENCIATURA DA UFMT AO PROCESSO FORMATIVO NA PÓS-GRADUAÇÃO .....	86
TECENDO LAÇOS COM O QUILOMBO – INTERCÂMBIO CULTURAL E EDUCATIVO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE QUILOMBOLA .....	88

# APRESENTAÇÃO

A **XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira** é um evento realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação – Nepre, núcleo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cadastrado e certificado no Diretório de Pesquisa do Brasil (DPG) do CNPq.

Para este ano de 2025 a Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira tem como tema **Mulheres Negras nas Ciências e Tecnologias**. Essa temática é relevante para Educação das Relações Étnico-raciais no que tange a visibilidade e valorização do trabalho intelectual e ancestral realizado por mulheres negras e voltado para a emancipação humana, no enfrentamento ao racismo, machismo e capitalismo, entre outras interseccionalidade na sociedade brasileira.

Considerando que a ciência ocidental e historicamente patriarcal foi construída sob parâmetros que marginalizaram saberes, experiências e epistemologias produzidas por grupos subalternizados, assim a presença e a visibilidade das mulheres negras na produção científica e tecnológica constituem dimensões essenciais para a democratização do conhecimento e para a superação das desigualdades estruturais que marcam a sociedade brasileira.

Portanto, o reconhecimento da diversidade epistemológica e o avanço tecnológico são fundamentais para o compromisso com a equidade racial e de gênero numa perspectiva da interseccionalidade. A autora Carla Akotirene (2019) conceitua a interseccionalidade como intersecção de opressões como raça, gênero e classe. Kimberlé Crenshaw (1989), que a aborda como a metáfora das avenidas para representar duas ou mais opressões a que as mulheres negras estão sujeitas. Assim, “a interseccionalidade dá



instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (Akotirene, 2019, p. 14).

Nesse contexto de visibilidade de mulheres negras na Ciência e Tecnologia, a autora bell hook<sup>1</sup>s (1995) nos traz apontamentos sobre o trabalho intelectual da mulher negra como instrumento que nos ajuda a enxergar possibilidades de mudança e libertação de nossos corpos e mentes. Para hooks (1995, p. 466) “o trabalho intelectual é uma parte necessária pela libertação, para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito”. Nesse viés das avenidas identitárias, descolonizaram e libertaram suas mentes, de acordo com hooks (1995).

Podemos afirmar que a presença de mulheres negras nesses espaços ressignifica o conceito de tecnologia, uma tecnologia do cuidado, da invenção e da cultura de resistência e existência. A valorização das trajetórias de mulheres negras nas Ciências representa um gesto político, coletivo e epistemológico, pois amplia as fronteiras do conhecimento e desafia as estruturas que historicamente tentam determinar que é Ciência e quem pode produzi-la.

A seguir, apresentamos produções com trabalhos e resumos que trazem significados para nossa XIX Jornada das Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, evidenciando a intelectualidade de mulheres negras nas Ciências e Tecnologias, bem com experiências inovadoras nas mais diversas áreas voltadas para Educação das Relações Étnico-raciais e para o enfrentamento ao racismo.

---

1 Nascida Glória Jean Watkins, adota o pseudônimo bell hooks em homenagem a sua bisavó Bell Blair Hooks, usa nome e sobrenome com letra minúscula pois acredita que o importante era a mensagem que passava, suas obras e não ela própria (Hooks, 2020).

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. "Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **The University of Chicago Legal Fórum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, n. 2, p. 464-478, ago./dez. 1995.

# ENTRE ESCRIVIVÊNCIAS E ALGORÍTMOS: MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS REPROGRAMANDO NARRATIVAS E TECNOLOGIAS

SILVA, do Nascimento Débora (UFMT)  
debora.silva13@sou.ufmt.br

KOEHLER, Cristiane (UFMT)  
cristiane.koehler@ufmt.br

Tem como objetivo analisar as conexões entre literatura e tecnologia como formas de resistências e produção de saberes de mulheres negras brasileiras e compreender como elas, em contextos históricos distintos transformam a marginalização, por meio das narrações e programações. Pretende-se informar e refletir as experiências das mulheres negras na literatura e na tecnologia, pois não são apenas trajetórias individuais de superação, mas atos políticos e epistêmicos de reescrita da história. A obra: Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus (2014) e a poética de Conceição Evaristo em Poemas da recordação e outros movimentos (2017), constituem -se como atos fundadores de uma epistemologia negra, em que o gesto de narrar é também um gesto de existir. Ambas transformam o cotidiano em linguagem, a dor em resistência e o silêncio em discurso, onde Evaristo chama de escrevivência, isto é, o direito de inscrever-se como sujeito da própria história. Essa mesma insurgência literária se prolonga, no século XXI, nas escrevivências tecnológicas de mulheres negras brasileiras que reinventa, o fazer científico e digital. Nina da Hora, cientista da computação, tem sido referência na ética de algoritmos e na discussão sobre racismo tecnológico. Silvaba Bahia, codiretora do Olabi e do projeto PretaLab, promove a inclusão de mulheres negras nas áreas de inovação e programação. Taís Oliveira, desenvolvedora e educadora, atua na formação de meninas negras em STEM e Sônia Guimarães, primeira mulher negra doutora em física no Brasil. Essas trajetórias configuram uma continuidade entre palavra e código, literatura e tecnologia, onde o ato de programar, torna-se extensão do ato de escrever. Assim, as mulheres negras brasileiras não apenas ocupam espaços tecnológicos, mas reprograma a própria história.

**Palavras-chave:** Mulheres negras; Tecnologia; Escrevivência; Resistência.



# **A LEI 10.639/03 NO CURRÍCULO ESCOLAR E AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA**

SANTANA, Malsete Arestides (SME Cuiabá)  
malsetesantana@gmail.com

BARROS, Angélica Kury (SME Cuiabá)  
angelicaejectan@gmail.com

MENACHO, Eliane (SME Cuiabá)  
elianemenacho05@gmail.com

A Lei 10.639/03 representa um marco na história da educação brasileira, ao tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em toda a Educação Básica. Essa legislação, fruto da luta histórica do movimento negro e da sociedade civil organizada, busca romper com a invisibilidade a que a população negra foi submetida ao longo de séculos e reparar as distorções de uma educação tradicionalmente eurocêntrica, que marginalizou ou silenciou as contribuições africanas na formação da sociedade brasileira. Este artigo analisa como a Lei 10.639/03 vem sendo implementada nos currículos escolares, investigando práticas, estratégias e limites que marcam seu processo de efetivação. A pesquisa adota abordagem qualitativa, tendo como base entrevista com duas professoras do Ensino Fundamental, que compartilharam suas experiências, percepções e desafios na prática cotidiana em sala de aula. A partir dos relatos, foi possível identificar que a implementação da Lei contribuiu para práticas pedagógicas que favorecem a valorização da identidade afro-brasileira, como o uso da literatura afro-brasileira e africana, o desenvolvimento de projetos interdisciplinares que envolvem artes, música e história, a promoção de rodas de conversa para discutir preconceito e diversidade, e a realização de atividades culturais que aproximam os estudantes de tradições, saberes e práticas da cultura negra. Essas estratégias mostram que a escola pode assumir papel ativo na desconstrução de estereótipos, na valorização da pluralidade cultural e na construção de uma consciência crítica e cidadã. Os resul-

tados apontam que a efetivação da Lei 10.639/03 exige mudanças estruturais mais amplas, que envolvem não apenas a revisão curricular, mas também o compromisso político e pedagógico das instituições de ensino, a formação continuada de professores, a produção e circulação de materiais didáticos antirracistas e o fortalecimento de políticas públicas que assegurem a valorização da diversidade cultural no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03; Educação Básica; Identidade Afro-Brasileira; Práticas Pedagógicas; Diversidade Cultural.

# **CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E RELAÇÕES DE PODER NO AMBIENTE ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS**

SANTANA, Malsete Arestides (SME Cuiabá)  
malsetesantana@gmail.com

SILVA, Cristiane Catarina de Oliveira Passos da (SME Cuiabá)  
Cristiane94.passos@gmail.com

CAMPOS, Eva Gonçalves (SME Cuiabá)  
evacampos585@gmail.com

SILVA, Elaine Maria da (SME Cuiabá)  
educaela@gmail.com

O espaço escolar configura-se como território de múltiplas interações, no qual as identidades são continuamente construídas, desconstruídas e ressignificadas a partir das relações sociais, culturais e étnico-raciais. Nesse processo, emergem dinâmicas de poder que, ao mesmo tempo em que reforçam desigualdades históricas, possibilitam práticas emancipatórias. A escola, compreendida como espaço privilegiado de formação cidadã, assume papel central na valorização da diversidade, reconhecendo as diferenças como dimensões constitutivas da sociedade. O estudo teve como objetivo analisar as formas de construção identitária no ambiente escolar e examinar de que modo as relações de poder influenciaram o reconhecimento ou a marginalização das diferenças. A investigação adotou uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada em referenciais teóricos que discutem identidade, diversidade e poder. As contribuições de Stuart Hall (2006) forneceram elementos para a reflexão acerca da identidade como processo dinâmico, fluido e relacional, em constante transformação. As concepções de Michel Foucault (1999) possibilitaram a compreensão de como as relações de poder atravessam o cotidiano escolar e incidem sobre a constituição

dos sujeitos. O levantamento contemplou livros, artigos científicos e documentos oficiais voltados à educação, com destaque para aqueles que abordam as relações étnico-raciais. Os resultados evidenciaram que as identidades construídas no espaço escolar encontram-se fortemente atravessadas pelas relações de poder, as quais tanto reforçam hierarquias e desigualdades sociais quanto abrem possibilidades para práticas emancipatórias. Constatou-se que, ao adotar uma postura crítica e inclusiva, a escola mostra-se capaz de desconstruir preconceitos e ressignificar discursos que historicamente marginalizaram determinados grupos sociais. Dessa forma, ao reconhecer sua centralidade no processo formativo, a instituição escolar revela-se apta a enfrentar preconceitos, romper com práticas excludentes e potencializar uma educação transformadora.

**Palavras-chave:** identidade; relações de poder; diversidade; educação inclusiva; respeito às diferenças.

# **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SANTANA, Malsete Arestides (SME Cuiabá)  
malsetesantana@gmail.com

SILVA, Cristiane Catarina de Oliveira Passos da (SME Cuiabá)  
cristiane94.passos@gmail.com

BARROS, Angélica Kury (SME Cuiabá)  
angelicaejectan@gmail.com

Este estudo insere-se no campo das relações étnico-raciais, com foco na análise das representações do negro em livros didáticos de História destinados ao 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. O objetivo central foi investigar de que forma o negro é retratado nesses materiais, especialmente considerando os mais de vinte anos de vigência da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. O livro didático, recurso pedagógico de grande relevância, orienta práticas docentes, contribui para a formação da memória histórica e, em muitos contextos, representa o principal contato de estudantes com a literatura e a narrativa histórica. Assim, constitui um espaço privilegiado para refletir tanto sobre as formas de representação quanto sobre os silenciamentos que atravessam a construção da identidade nacional. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, analisou dois livros didáticos de História – um do 4º ano e outro do 5º ano – utilizados em uma escola pública de Mato Grosso. A fundamentação teórica apoiou-se em autores que discutem o ensino de História, as relações étnico-raciais e a



implementação da Lei 10.639/03. Os resultados indicaram que, apesar dos avanços legais e acadêmicos, as representações do negro ainda são marcadas por estereótipos e preconceitos, perpetuando uma visão limitada e excludente. Essas narrativas contribuem para a manutenção de desigualdades históricas e dificultam a consolidação de uma educação antirracista. Conclui-se que a análise crítica dos livros didáticos é essencial para repensar práticas pedagógicas, promover a formação de professores conscientes e fortalecer uma escola que valorize a diversidade étnico-racial. Ao contribuir para a superação do racismo estrutural e para a efetivação da Lei 10.639/03, a educação pode assumir papel central na construção de uma sociedade mais justa e plural.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais; Livro didático; Ensino de História; Lei 10.639/03; Educação antirracista.

# **A IMPORTÂNCIA DA REZA CANTADA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO – MT**

SILVA, Rosa Maria de Campos (EEQTCA/SEDUC)  
rosa.campos@edu.mt.gov.br.

SILVA, Grazielle Evangelista da (EEQTCA/SEDUC)  
grazielle.evangelista@edu.mt.gov.br

SILVA, Josicélia Ferreira da (EQTCA/SEDUC)  
josicelia.silva@edu.mt.gov.br

A benzeção para nós é uma tradição que tem muita importância, pois foi passada para nós através de nossos pais. Com objetivo de trabalhar a cultura, cura, o social e a religiosidade. Ela pode ser vista como forma de amor ao próximo e aproximação com Deus. É uma prática transmitida de geração a geração, que é Digno de respeito ao sagrado. As benzedeadas atuam como agentes sociais da comunidade, fortalecendo a sua Identidade. Mostrando as pessoas que a benzeção é uma forma de manifestação religiosa que busca resolver problemas do dia a dia, intercedendo pela cura de uma pessoa, buscando trazer equilíbrio material e espiritual. As benzedeadas mantêm uma conexão entre ela a pessoa que está sendo benta, e a espiritualidade. Tornando gratificante para a benzedeadas o gesto de alegria da pessoa que foi curada. Pois a benzedeadas intercede em nome de Deus, buscando conexão, forte que as vezes dependendo da pessoa que foi benzida, a benzedeadas chega a adoecer. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Alfredo (2011). Dantas (1988) e Cunha (2009) entre outros. Nas comunidades as benzedeadas atuam como se fossem um médico, com seus ensinamentos. Metodologicamente envolvem pesquisa qualitativa e estudo de caso o foco é a compreensão profunda das práticas e do significado cultural (a benzeção) no contexto específico Mata Cavalo MT. Os resultados é que elas socorrem, sem pensar na sua própria saúde. se doando, amor, responsabilidade, e respeito ao sagrado. E se doar de alma, não de coração. Pois coração morre e a alma é eterna. Porque até mesmo quando a pessoa a procura para benzer, a benzedeadas tem o comprometimento

de dizer para a pessoa que não precisa pagar e nem agradecer. Porque tudo que é Dom Divino não pode ser agradecido muito menos vendido. Graças e paz a todos. Meu axé.

**Palavras-chave:** Benzeção; Tradição; Cultura; Cura.

# **O SAPICUÁ COMO SABER VIVO NO QUILOMBO MATA-CAVALO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E ETNOMATEMÁTICA**

SILVA, Claudicéia Celeste da (EEQTCA/SEDUC)  
claudiceiamt@gmail.co

ARAÚJO, Patrícia M. Sales (EEQTCA/SEDUC)  
patriciasales368@gmail.com

Este trabalho nasceu do desejo de reconhecer o sapicuá como saber vivo, na comunidade quilombola de Mata-Cavalo, onde está a unidade de ensino Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, no município de Nossa Senhora do Livramento (MT), que ainda preserva uma rica herança cultural expressa em seus saberes, práticas e modos de viver, atrelando ao ensino de Matemática uma aprendizagem contextualizada. Este estudo tem por objetivo compreender e valorizar o sapicuá como manifestação simbólica e prática dos saberes e fazeres quilombolas, evidenciando sua relevância pedagógica na articulação entre cultura, identidade e ensino da Matemática, a partir de uma perspectiva etnomatemática e intercultural, no âmbito da educação quilombola contemporânea. A experiência foi realizada na unidade escolar com turmas do ensino fundamental II (9º ano), nas aulas de Matemática e Parte Diversificada. A proposta consistiu em aprender a confeccionar o sapicuá, integrando atividades práticas (medir, cortar, costurar) e conceituais (cálculo de medidas, proporção, estimativa de material), durante o processo, ocorreram rodas de conversa com a Mestra do Saber, que compartilhou suas histórias sobre o uso do sapicuá na roça e seu significado cultural. As observações e registros dessas aulas foram analisados de forma qualitativa e participativa, valorizando a escuta e a reflexão coletiva dos/as estudantes e professoras sobre o aprendizado vivido. Teoricamente, este trabalho está subsidiado por Castilho (2011) D'Ambrosio (1996), Gerdes (1991), Gomes (2017) e Munanga (2005), dentre outros. Os resultados evidenciam que, quando o ensino escolar estabelece um diálogo efetivo com os saberes do território e com as

práticas cotidianas da comunidade, o processo educativo torna-se mais significativo. Dessa forma, os estudantes passam a reconhecer-se como sujeitos históricos e produtores de conhecimento, construindo aprendizagens que se entrelaçam a cultura local às dimensões científicas e escolares.

**Palavras-chave:** Educação Quilombola; Ensino de Matemática; Etno-matemática; Etnossaberes.

# REDEMOINHO EM DIA QUENTE: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

SOUSA, Célia Ferreira de (IFMT)  
celia.sousa@ifmt.edu.br

Este texto apresenta os resultados de uma experiência pedagógica desenvolvida em 2024 com estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Matemática do IFMT, Campus Confresa. Sabe-se que a academia, historicamente, tem sido um espaço de reprodução de saberes hegemônicos, muitas vezes eurocêntricos e coloniais. No entanto, a crescente relevância dos estudos decoloniais tem impulsionado a reflexão sobre a necessidade de desnaturalizar essas estruturas, promovendo o reconhecimento de outras epistemologias e vozes silenciadas. Nessa proposta didática, buscou integrar a fundamentação teórica dos estudos decoloniais ao ensino-aprendizagem do gênero textual resumo simples científico, em que a obra *Redemoinho em dia quente* de Jarid Arraes (2019), foi objeto de leitura e análise crítica. Metodologicamente, leu-se alguns contos coletivamente, depois cada estudante escolheu um conto da obra para ler individualmente, compreender, socializar com os colegas e escrever um resumo simples científico sobre o conto escolhido e a análise de como ele se conecta com as discussões decoloniais. O aporte teórico contou com Bakhtin (2006) que define os gêneros pela sua função social e as condições específicas de cada esfera de comunicação, que os marcam e os tornam típicos; Rildo Cosson (2014), pela estratégia de leitura protocolada; Aníbal Quijano (2000) e Walter Dignolo (2007) ao destacar que a colonialidade do poder, do saber e do ser, se manifestam em diversas esferas da vida social, política, educacional e que o pensamento decolonial propõe a “desobediência epistêmica. Por fim, a experiência contribuiu para uma formação docente mais crítica, engajada e sensível às diversidades, capacitando futuros professores de matemática a atuarem de forma transformadora em suas realidades.

**Palavras-chave:** Estudos decoloniais; Formação de professores; Jarid Arraes; Licenciatura em Matemática; Resumo simples científico.



# **LISTA NEGRA DA COJIRA-MT COMO DISPOSITIVO DE VISIBILIDADE DE FONTES NEGRAS NA MÍDIA EM CUIABÁ-MT**

MORAES, Julianne Caju de Oliveira Souza  
(SECITECI / PPGECCO-UFMT) [juliannecaju@gmail.com](mailto:juliannecaju@gmail.com)

Este relato de experiência apresenta a criação, o desenvolvimento e os usos da Lista Negra da Comissão de Jornalistas pela Equidade Racial (COJIRA), vinculada ao Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso (SIND-JOR/MT), proposta como um banco colaborativo de fontes negras para qualificar a cobertura jornalística em Cuiabá. A iniciativa nasce de um percurso pessoal e profissional iniciado em 2015, quando, a partir de leituras, pesquisas e debates sobre relações étnico-raciais, passei a ser recorrentemente acionada por colegas de imprensa, sobretudo em novembro, mês da Consciência Negra, para indicar contatos de especialistas, lideranças e profissionais negras(os) de Mato Grosso. Após anos respondendo a pedidos repetidos (inclusive com listas informais), identifiquei a necessidade de um repositório perene e acessível. Com a recriação da COJIRA/MT em janeiro de 2023, propus a Lista Negra, nome afirmativo, que ressignifica “Se a Coisa tá preta, a coisa tá boa”, reunindo cerca de 200 contatos de diversas áreas. O lançamento público ocorreu em novembro/2023, durante a Rota da Ancestralidade na capital, seguido de disponibilização a veículos e comunicadores via redes sociais. Em novembro/2024, a lista foi relançada no Workshop para a Equidade Racial da COJIRA/MT, com atualizações contínuas. Resultados parciais indicam maior inserção de fontes negras em alguns veículos, embora ainda não mensurada de modo sistemático. O objetivo central de ampliar representatividade negra diante de câmeras, microfones e telas, para além de datas comemorativas e de pautas exclusivamente sobre racismo e escravidão mostra-se em curso, apontando para a necessidade de monitoramento e protocolos de atualização da lista como política cotidiana de equidade racial na mídia local. À luz de autoras e autores como Cida Bento, Lélia Gonzalez, Muniz Sodré, Neuza Santos e

Sueli Carneiro, a Lista Negra enfrenta lógicas de sazonalidade e exclusão simbólica no ecossistema midiático, operando como dispositivo de justiça informacional e epistêmica. Criticamente, reconhecem-se limites (ausência de métricas regulares), ao passo que se encaminham medidas: institucionalizar o uso contínuo em redações/assessorias e monitorar indicadores mínimos para consolidar representatividade como critério de qualidade jornalística.

**Palavras-chave:** Equidade racial; Mídia; Fontes negras; Representatividade; Visibilidade.

# RELATO DE EXPERIÊNCIA: OYÁ CICLO FORMATIVO EM FEMINISMOS NEGROS INSURGENTES

CAMARGO, Kamilly (UFMT)  
kamilly.camargo@sou.ufmt.com.br

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (NEPRE/PPGE/UFMT)  
analuisatri@gmail.com

Neste relato de experiência compartilho minha perspectiva, enquanto mulher negra, dos encontros presenciais do projeto de extensão “Oyá Ciclo Formativo em Feminismos Negros Insurgentes”, orientado pela Profa. Dra. Ana Luisa Alves Cordeiro, promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Minha vivência enquanto participante e bolsista do projeto tem me permitido entender as consequências do racismo no meu existir, como por exemplo, no tardio reconhecimento da minha identificação como mulher negra e as dificuldades de me posicionar sobre falas discriminatórias acerca do meu cabelo. A metodologia dos encontros baseia-se em vivências por meio da arte e na leitura coletiva e debate de obras de intelectuais negras que tratam da temática feminismos negros. Durante os encontros quinzenais, que ocorrem no Instituto de Educação (IE), pude compreender de maneira mais abrangente as realidades enfrentadas pelas mulheres negras, os impasses na vida das participantes e a importância de espaços dentro da universidade que reflitam sobre as violências existentes, a partir da interseccionalidade, que considera gênero, orientação sexual, localização geográfica e classe social. Em resumo, considero fundamental destacar os aprendizados que me permitiram enxergar as faces do racismo e machismo desde a minha infância, e, com as falas das mulheres participantes, compreender como o sistema cisheteropatriarcal contribui para a manutenção das desigualdades e discriminações.

**Palavras-chave:** Feminismo Negro; Interseccionalidade; Mulheres Negras.

# ENTRE HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES: EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

OLIVEIRA, Silvana Costa (Seduc/MT)  
silvana.costa@edu.mt.gov.br

SANTOS, Laura Aparecida Marques Moreira (Seduc/MT)  
laura-aparecida.moreira@edu.mt.gov.br

Este relato de experiência apresenta um projeto interdisciplinar desenvolvido para o 6º ano do Ensino Fundamental, na área de Linguagens e suas tecnologias e tem por objetivo geral promover a valorização da diversidade étnico-racial e a construção de uma consciência antirracista entre os estudantes. Utilizamos como recursos os livros “Meu Crespo é de Rainha” de bell hooks (2018), “História Pretinha das Coisas” e “Educando Crianças Antirracistas” de Bárbara Carine (2022, 2024). O projeto foi realizado ao longo do segundo semestre de 2025 e incluiu leitura e interpretação de textos literários e informativos, expressões orais e escritas em português e inglês, além de atividades artísticas que exploram a identidade e a cultura afro-brasileira. Entre as atividades estão rodas de conversa, produção textual, pesquisa sobre personalidades negras e criação de painéis artísticos, estimulando a reflexão crítica e o respeito às múltiplas identidades étnico-raciais. A integração das disciplinas possibilita experiências pedagógicas que aprofundam o conhecimento histórico-cultural, ampliam o vocabulário de modo contextualizado e fomentam a expressão criativa, alinhando-se às normativas legais da Educação das Relações Étnico-raciais (ERER), como as leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008, além da lei n. 14.986/2024, que prevê a inclusão de perspectivas femininas nos conteúdos curriculares da Educação Básica. As práticas propostas incentivaram os estudantes afirmar positivamente as suas identidades, a compreenderem o racismo em suas diversas faces e aprenderem sobre perspectivas outros modos de ser e estar no mundo.

**Palavras-chave:** Educação das Relações Étnico-raciais; Interdisciplinaridade; Literatura Afro-Brasileira; Antirracismo.

# ENTRE PINCÉIS E CORPOS EM CENA: ARTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO COMO TERRITÓRIOS DE REEXISTÊNCIA

BRITO, Everton Santos de (UFMT/Bolsista Capes)  
tonbritto@gmail.com

DEVIDES, Dílson César (UFMT)  
dilson.devides@ufmt.br

Este relato de experiência analisa as práticas de arte-educação desenvolvidas no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil – CAPSI Adolescer, em Cuiabá (MT), compreendendo-as como estratégias de cuidado em saúde mental e de enfrentamento ao racismo estrutural. A partir de oficinas de teatro e artes visuais com adolescentes em sofrimento psíquico, em situação de vulnerabilidade social, incluindo aqueles em uso de substâncias psicoativas, o trabalho inspira-se na Ética do Brincar (Noal, 2015) e em referenciais decoloniais e antirracistas. As práticas priorizaram a escuta, o acolhimento e a criação coletiva como caminhos de elaboração do sofrimento e afirmação da diferença. Os resultados mostram que as oficinas se tornaram territórios de escrevivência (Evaristo, 2009), onde jovens em suas múltiplas intersecções – de raça, gênero, classe e modos de existir – reinscreveram suas histórias, transformando dores em potência criadora. Nesses espaços, o teatro e as artes visuais assumiram papel de cartografia (Deleuze; Guattari, 1995), mapeando afetos, experiências e identidades que atravessam o corpo e o território. A partir de um referencial que dialoga com Gonzalez (1988), Fanon (2008) e Mbembe (2017), compreende-se que a pedagogia, nesse contexto, revela-se um gesto inseparável de descolonização, cura e emancipação. Conclui-se que a integração entre arte, saúde e educação opera, assim, como um ato político de (re)existência.

**Palavras-chave:** Arte-educação; Escrevivência; Cartografia; Saúde mental; Racismo estrutural.

# ENTRE LEMBRANÇAS E RESISTÊNCIAS: ESCRITA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS PRÁTICAS DE PROFESSORAS QUILOMBOLAS

CARNEIRO, Mirlei Fernandes (SEDUC)  
mirlei.carneiro@edu.mt.gov.br

FRANÇA, Luzilene Cleuma de (SEC. EDUCAÇÃO MUNICIPAL)  
francacleuma0@gmail.com

MELO, Daniela Pimenta de (SEDUC)  
daniela.pimenta@edu.mt.gov.br

O presente relato tem como objetivo refletir sobre o papel da memória, da oralidade e da escrevivência como práticas pedagógicas de resistência e reexistência de professoras quilombolas na Educação Escolar Quilombola. A pesquisa surge da necessidade de registrar e valorizar as experiências formativas e culturais vividas por educadoras negras em seus territórios, reconhecendo a escrita como instrumento político, pedagógico e de afirmação da identidade quilombola. A discussão está ancorada nos aportes teóricos de Evaristo (2021), Costa (2019) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), que destacam o protagonismo das comunidades quilombolas na produção do conhecimento e na valorização da ancestralidade. A metodologia adotada é de abordagem autobiográfica, desenvolvida por meio de um memorial descritivo, no qual as autoras refletem sobre suas trajetórias pessoais e profissionais, evidenciando o diálogo entre memória individual e coletiva. Com base nas experiências vivenciadas no cotidiano escolar, busca-se compreender como a escrevivência conceito proposto por Conceição Evaristo se afirma como prática de educação antirracista, possibilitando que as narrativas negras ganhem visibilidade, legitimidade e reconhecimento no campo educacional. Assim, entre lembranças e resistências, as professoras quilombolas transformam suas histórias de vida em territórios de memória, identidade e dignidade, reafirmando a ancestralidade como fundamento da formação humana e da luta por uma educação comprometida com a justiça social.

**Palavras-chave:** Memória Quilombola; Escrevivência; Identidade; Ancestralidade; Educação Antirracista.



# FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

FRANÇA, Geisiane Maria da Silva (PPGE/UFMT)  
geisianesilvareaso@gmail.com

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda (PPGE/UFMT)  
filarruda@hotmail.com

A Graduação em Pedagogia EaD pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, concluída em 2025, foi um percurso formativo que proporcionou vivências marcantes, através de discussões e reflexões que trataram sobre a Educação Antirracista. A nova reformulação do curso, ao longo de trinta anos, apresentou a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas ou privadas, de ensino fundamental e médio do Brasil. Essa lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) incluindo a temática nos currículos oficiais, com o objetivo de promover uma educação antirracista e incluir outras concepções da história, da afrodescendência e da ancestralidade nos currículos da educação básica e por que não dizer, no ensino superior. A matriz curricular do curso de Pedagogia apresentou disciplinas que, além do conceito e da teoria, procurou sistematizar através de ações práticas, como: rodas de conversas, seminários e oficinas, discussões que contemplaram as relações étnico-raciais e a violência de gênero. A disciplina Educação e Diversidade Étnico-Cultural procurou, através do estudo, diálogo e análise, aprofundar sobre os conhecimentos acerca da diversidade étnico-cultural, de modo que os discentes pudessem compreender o mundo, o espaço da escola, de modo a combater preconceitos, propondo uma educação antirracista, buscando fazer das atitudes diárias a comprovação do respeito à diversidade racial existente na sociedade. As leituras sugeridas no decorrer do curso foram importantes para que, no estágio III, a temática da Educação Antirracista fosse desenvolvida, através de atividades práticas com os estudantes da turma do 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, em uma escola estadual, do campo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento/MT,

propiciando experiências de que é possível combater o racismo através da educação. Atualmente, no mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMT) o tema está sendo aprofundado.

**Palavras-chave:** Pedagogia EaD; Educação Antirracista; Pesquisadora; Diversidade Racial.

# **EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS: INCLUSÃO, CULTURA E TERRITÓRIO SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA EM POCONÉ/MT**

SANTOS, Josiane Rodrigues dos (SEDUC/MT)  
josyrodrygues13@gmail.com

SANTOS, Noelma Rodrigues dos (SEDUC/MT)  
noelmadomkas@gmail.com

A educação brasileira historicamente enfrenta desafios para assegurar inclusão plena, especialmente para estudantes de comunidades remanescentes de quilombo. Este estudo busca compreender como a Educação Especial, na perspectiva inclusiva, considera as singularidades dos(as) estudantes e a cultura dessas comunidades, incluindo aqueles com deficiência, altas habilidades/superdotação transtornos globais do desenvolvimento. Apesar de prevista em políticas públicas, sua efetivação apresenta fragilidades quanto à articulação entre políticas educacionais, currículo e práticas pedagógicas, respeitando as especificidades territoriais e culturais quilombolas. A relevância do estudo reside em contribuir para a efetivação de uma Educação Especial inclusiva e contextualizada, oferecendo subsídios para políticas educacionais mais sensíveis à diversidade cultural, histórica e territorial, além de valorizar saberes e identidades historicamente marginalizados. Espera-se identificar desafios e possibilidades para uma educação justa, inclusiva e enraizada no território, articulando políticas, currículo e práticas pedagógicas à realidade das comunidades quilombolas de Poconé de Mato Grosso. Trata-se de estudo qualitativa, de caráter bibliográfico, documental e exploratório, realizada em escolas de comunidades quilombolas de Poconé, com participação de professores(as), gestores(as), famílias e lideranças comunitárias. Os procedimentos de coleta de dados incluem observação participante, entrevistas semiestruturadas e abertas, análise documental de políticas públicas, currículos e Projetos Político-Pedagógicos (PPPs), e registros em diário de campo. A análise será realizada à

luz da geografia e da análise de conteúdo, para compreender território, espaço e relações culturais, e da análise de conteúdo, considerando políticas de Educação Especial, currículo, práticas pedagógicas e especificidades culturais e territoriais.

**Palavras-chave:** Educação Especial; Educação Inclusiva; Remanescentes de Quilombo; Território; Interseccionalidade.

# ROOTS, WATER AND TREES: REGGAE O DIA DA ÁRVORE

TRINDADE JR, Waldenis Pereira (UFMT/PPGEL/CAPES)  
waldenis.junior@gmail.com

O presente relato descreve a experiência pedagógica realizada em uma EMEB, em Várzea Grande/MT, com alunos do 6º ao 9º ano, centrada na execução do planejamento anual pautado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que também atenda às diretrizes da Lei 10.639/03. Para construir aulas que articulem o que o Estado propõe e o que a comunidade realmente precisa, é necessário um equilíbrio de ideias que permita às nossas árvores deixarem cair os frutos da criatividade, do pensamento crítico e da valorização da identidade cultural em contextos marcados por relações de poder e colonialidade (Fanon, 2008). Esse objetivo foi alcançado através do uso do reggae como recurso pedagógico, por se tratar de um movimento musical que problematiza a relação do ser humano com a natureza, promove reflexões sobre justiça social e traz forte presença da negritude, representando resistência cultural, espiritual, política e histórica (Césaire, 2007). As atividades envolveram a análise de músicas de Edson Gomes, Bob Marley, Steel Pulse e Etana, trabalhando vocabulário inglês relacionado a “árvore”, “raízes” e “água”, bem como temas como vida, crescimento, permanência, memória, ancestralidade, e cuidado com a natureza, especialmente no contexto do Dia da Árvore. Durante as aulas, os estudantes foram estimulados a relacionar letras de músicas com experiências cotidianas, identificar e traduzir palavras-chave, produzir frases e pequenos textos em inglês, e discutir a importância da preservação ambiental e da valorização da cultura negra (Hooks, 1994). Observou-se aumento significativo do engajamento, da criatividade e do interesse pelo aprendizado da língua inglesa, bem como o desenvolvimento de percepção crítica sobre estigmas raciais e a valorização da diversidade musical e cultural. A experiência evidencia que práticas pedagógicas afro-referenciadas podem integrar as competências da BNCC com a realidade e a identidade dos alunos, promovendo aprendizagem significativa, fortalecimento da consciência étnico-racial e valorização da cultura afro-anglófonas (Hall, 1997).

**Palavras-chave:** Jamaica; reggae; cultura negra; transgressão; práticas pedagógicas.

# **MEDIAÇÃO LEITORA AFRORREFERENCIADA NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM RECORTE DE PESQUISA-AÇÃO EM EPT**

MORAES, Julianne Caju de Oliveira Souza  
(SECITECI / PPGECCO-UFMT) juliannecaju@gmail.com

Este relato apresenta um recorte da minha pesquisa de doutoramento, realizada ao longo de quatro meses com professores da educação profissional em Cuiabá/MT, em uma proposta de formação antirracista ancorada na Educomunicação (Ismar Soares) e na Pretagogia (Sandra Petit e Geranilde Silva), com abordagem de pesquisa-ação (oficinas, rodas de conversa, grupo focal e diário de campo). A cada encontro, além dos dispositivos dialógicos, fiz mediação leitora afrorreferenciada com um acervo levado por mim (livros infantojuvenis e obras de referência de autoras/es negras/os). O efeito dessa circulação apareceu nas próprias vozes docentes: foram eles que solicitaram levar as obras para casa, para ler com filhos, sobrinhos, parceiros e amigas/os e para partilhar nas aulas. Esse gesto sinaliza interesse, reconhecimento e desejo de continuidade formativa numa perspectiva afrorreferenciada. Alguns dos livros solicitados pelos professores foram: Meu crespo é de rainha (bell hooks); Meu avô africano (Carmen Lucia Campos); O Pequeno Príncipe Preto (Rodrigo França); Mulheres Negras que Mudaram o Mundo (Julia Adams e Claire Philip); O perigo de uma história única (Chimamanda Ngozi Adichie); Pequeno manual antirracista (Djamila Ribeiro); Como ser um educador antirracista (Bárbara Carine); e O genocídio do negro brasileiro (Abdias Nascimento). Em chave analítica, a experiência indica que o acesso mediado a obras de histórias, personagens e autores negros(os) contribui para desestabilizar sazonalidades e exclusões simbólicas no cotidiano escolar, ampliando repertórios e referências para além de efemérides. Reconhecem-se limites, como a ausência de métricas sistemáticas de uso e impacto, o que se propõe para continuidade. Como encaminhamento institucional, aponta-se a disponibilização permanente de acervos afrorreferenciados em bibliotecas e salas de



leitura, com circulação ativa, curadorias regulares e mediação leitora integrada ao planejamento pedagógico. Trata-se de uma possibilidade entre outras já trilhadas em diferentes contextos, capaz de fortalecer a efetivação da Lei 10.639/03 ao democratizar o acesso a literaturas afro-brasileiras de autoras/es negras/os no dia a dia da escola.

**Palavras-chave:** Educação antirracista; Mediação leitura afrorreferenciada; Educomunicação; Pretagogia; Lei 10.639/03.

# MEU CRESPO É COROA: DESCOLONIZAÇÃO DA IDENTIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CARMO, Elizangela Torres (SEDUC)  
elizangela.carmo@edu.mt.gov.br

BRITO, Karleny Farias de (SEDUC)  
karleny.brito@edu.mt.gov.br

BRITO, Mariana Thaís Silva de (SEDUC)  
marianathaisbrito@gmail.com

TOLEDO, Evanildes Assunção de Souza (SEDUC)  
evanildesassuncaotally@gmail.com

Este trabalho apresenta uma proposta pedagógica voltada à valorização da identidade étnico-racial de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio do projeto “Meu Crespo é Coroa”, que utiliza a literatura infantil com protagonismo negro como ferramenta de descolonização dos imaginários. A ação parte da compreensão de que padrões estéticos eurocentrados, historicamente presentes na escola, reforçam o racismo estrutural e apagamento das ancestralidades afro-brasileiras. O projeto propõe atividades de leitura, contação de histórias e produção artística com foco na valorização dos cabelos crespos e das corporalidades negras, promovendo autoestima, pertencimento e respeito à diversidade. A afirmação estética se constitui como prática de resistência política, rompendo com ideologias de branqueamento e inferiorização. Práticas pedagógicas que dialogam com a realidade e identidade dos estudantes contribuem não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a formação crítica, afetiva e cidadã.

**Palavras-chave:** identidade; descolonização; educação antirracista; infância.

# PROJETO MULHERES NAS CIÊNCIAS: DANDO VISIBILIDADE A MULHERES QUE FIZERAM HISTÓRIA

SILVA, Dalva (UFMT)  
dalvavitorFerfisica.ufmt.br

FERREIRA, Jucineia (UFMT)  
Jucineia@fisica.ufmt.br

O projeto Mulheres nas Ciências nasceu com o objetivo de resgatar e divulgar as trajetórias de mulheres que foram esquecidas ou silenciadas pela história, reconhecendo sua importância nas mais diversas áreas do saber. O projeto surgiu inicialmente com a proposta de destacar o protagonismo feminino nas ciências exatas, mas, ao longo do tempo, ampliou sua atuação, abrangendo também nomes de outras ciências, da cultura, da política e dos movimentos sociais. Atualmente o grupo é composto por aproximadamente dez mulheres que, por meio de pesquisas, exposições e debates, buscam valorizar figuras femininas inspiradoras e o legado deixado por elas. O projeto realiza uma mostra painéis específica sobre mulheres negras que inclui pesquisadoras como a brasileira Djamila Ribeiro, filósofa e ativista que se destaca na luta antirracista e feminista no Brasil, mas também pesquisadoras das ciências exatas, como a brasileira Sônia Guimarães, primeira mulher negra doutora em Física no país e a norte americana Mae Jemison, primeira mulher negra a viajar para o espaço. Além disso, a mostra tem incorporado mulheres indígenas, como a pesquisadora Sônia Guajajara, liderança indígena e atual ministra dos Povos Indígenas. O grupo também participa ativamente de eventos e ações públicas, como o 1º Workshop de Equidade Racial de Mato Grosso, realizado na Casa Cuiabana, atividades promovidas pelo SINTEP em prol do movimento negro, colaborações com o Ministério Público, além de entrevistas, rodas de conversa e apresentações culturais. Cada iniciativa busca promover a reflexão sobre a presença e o impacto das mulheres na construção do conhecimento e na transformação da sociedade. O projeto tem se consolidado como uma iniciativa de empoderamento, valorização histórica e inclusão social, que amplia o espaço das mulheres na ciência, na política, na arte e na cultura. Ao dar visibilidade às mulheres,

especialmente às negras e indígenas, o projeto reafirma seu compromisso em reconhecer e valorizar as contribuições históricas e contemporâneas realizadas, inspirar novas gerações e fortalecer o protagonismo feminino em todas as esferas do conhecimento e da vida pública.

**Palavra-Chave:** Mulheres nas Ciências; Mulheres Negras; Empoderamento Feminino.

# MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA

CARVALHO, Amanda (UFMT)  
amandacarvalh1017@fisica.ufmt.br

PINHEIRO, Evelyn (UFMT)  
evelynng@fisica.ufmt.br

Como meio de debater a questão de raça e gênero na sociedade, o Núcleo de Qualidade de Vida no Trabalho – Vida Plena, do Ministério Público do Estado de Mato Grosso (MPMT), convidou o grupo Mulheres nas Ciências para realizar uma exposição sobre a vida e trajetória de mulheres negras. Foram apresentados 15 banners de mulheres negras cientistas importantes para o desenvolvimento científico e social. A exposição foi realizada durante 5 dias, em um evento aberto ao público e aos servidores do MPMT. Diversas pessoas demonstraram identificação com os relatos apresentados, emocionaram-se, compartilharam suas vivências e, em alguns casos, retornaram acompanhadas de familiares para conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido. Foi comovente observar o interesse genuíno do público diante das histórias inspiradoras de mulheres que superaram adversidades e conquistaram espaços de reconhecimento. Esse momento evidenciou o potencial transformador da ciência como ferramenta de superação e mudança de realidades, mesmo em contextos marcados por desafios estruturais. Destacou-se, ainda, a intensa troca de saberes em torno da trajetória das mulheres negras, ressaltando sua relevância histórica e o papel fundamental que desempenham na construção do conhecimento científico, mas também, de uma sociedade mais equânime. A participação no evento constituiu uma experiência enriquecedora para o processo de aprendizagem do grupo. Para o projeto Mulheres nas Ciências, essa vivência representou a importância e o reconhecimento do trabalho desenvolvido, além do fortalecimento do propósito de debater questões sociais importantes e, junto com diversos setores da sociedade, como o MPMT, construir saberes e caminhos que favorecem uma sociedade mais justa.

**Palavras-chave:** Ministério Público; Mulheres Negras; Projeto de Extensão, Raça, Gênero.

# MULHERES QUILOMBOLAS E CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS: EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO MATA CAVALO

BEZERRA, Giovanna (UFMT)  
giovanna.bezerra@sou.ufmt.br

SANTO, Evelyn (UFMT)  
evelynmodesto15@gmail.com

Este trabalho apresenta reflexões construídas a partir de uma vivência formativa e de campo no Quilombo Mata Cavalo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso, sob a orientação da docente Dra. Suely Castilho e com a participação de discentes do curso de Pedagogia. A experiência teve como propósito compreender e valorizar as práticas educativas, territoriais e culturais conduzidas por mulheres quilombolas, entendendo-as como expressões de resistência, cuidado e produção de saberes ancestrais. Observou-se que a Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda atua como um espaço de referência em educação voltada às comunidades tradicionais, articulando saberes locais, metodologias contextualizadas e o fortalecimento da identidade quilombola. Nesse contexto, educadoras como Eliane Arruda e Jundea desenvolvem propostas pedagógicas que partem da realidade comunitária, utilizando elementos da natureza e da ancestralidade como fundamentos do processo de ensino-aprendizagem. Um exemplo significativo é o abecedário das plantas e ervas medicinais, em que cada letra representa uma espécie cultivada na horta comunitária da escola, promovendo o vínculo entre cuidado, conhecimento, aprendizagem e pertencimento. Paralelamente, espaços como a Casa da Cultura e o Terreiro Lar de Maria revelam a dimensão política, espiritual e artística da educação quilombola, evidenciando como fé, arte e memória coletiva se entrelaçam na construção de uma pedagogia do cuidado. As narrativas das mulheres, como as de Dona Preta, reafirmam o cuidado como tecnologia ancestral de resistência, preservação e

manutenção do território. Desse modo, o estudo aponta que as mulheres quilombolas de Mata Cavalo produzem práticas educativas, culturais e científicas que unem saberes, afetos e lutas coletivas, configurando uma educação de resistência que enfrenta as desigualdades raciais, fortalece a autonomia comunitária e reafirma o território como espaço de vida, memória e continuidade ancestral.

**Palavras-chave:** Educação Quilombola; Território; Mulheres Negras; Tecnologias do Cuidado; Resistência.



# UMA VIDA, MUITAS HISTÓRIAS: ANTONIETA BARROS

CASTRILLON, Maria de L. Fanaia  
mary\_lourdes1996@hotmail.com

MAGALHÃES, Nilvaci Leite  
nilvaci.moreira@unemat.br

Esta pesquisa abarca a vida de Antonieta Barros que nasceu em 1901-1952) no Estado de Santa Catarina filha de uma lavadeira, cativa Catharina que trabalhou na casa de um político, ocasião em que Antonieta foi estimulada a estudar, quebrando paradigmas. Antonieta foi professora, jornalista e política, escreveu para jornais da primeira república e foi a 1ª mulher a trabalhar na imprensa onde teve oportunidades de revelar suas ideias e críticas pelo combate à discriminação dos negros e das mulheres. Nas décadas de 1920-1930 no Brasil havia a imprensa negra escrita por negros e para negros e o objetivo também era abordar temas sobre as questões raciais, conscientizar o grupo social afro-brasileiro que um caminho possível para superação do racismo era a educação. Antonieta fez parte desse contexto, colaborou com artigos de jornais do início do século XX utilizando o pseudônimo de Maria da Ilha pois na época, numa sociedade patriarcal a mulher não tinha visibilidade e sem voz no meio social. Esse exemplo é similar com o de Maria Firmina que também utilizou pseudônimo para denunciar o racismo e a escravidão através do romance Úrsula. A protagonista Antonieta contribuiu com a literatura, escreveu a obra “Farrapos de Ideias” defendendo as questões sobre a mulher denunciando o racismo e machismo. Interessante que no jornal a Republica de 1933 era publicado fragmentos sobre “Farrapos de ideias”. Ela também foi professora e criou o dia do professor pela lei estadual no 145, de 12 de outubro de 1948, em Santa Catarina e só anos depois em 1963 a data foi considerada no calendário nacional. Além disso também exerceu o cargo de 1ª mulher negra no parlamento de Santa Catarina, e o resultado da pesquisa mostra o legado da protagonista a frente de seu tempo. Para elaboração do estudo foram utilizadas referências bibliográficas e documentais.

**Palavras chave:** Antonieta; professora; racismo.

# PNEERQ EM MT: COMPROMISSO COM A SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS

LEITE, Carmen Cinira Siqueira (CME/PNEERQ/UNDIME/MT)  
carmenleite7@gmail.com

A PNEERQ – Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola instituída por portaria no 470/2024/SECADI/MEC tem por objetivo implementar ações e programas educacionais destinados à superação das desigualdades étnico-raciais e do racismo nos ambientes de ensino e visa a promoção da política educacional para a população quilombola. O público alvo são gestores, professores, funcionários e toda comunidade escolar. A proposta deste relato consiste em divulgar as atribuições e as experiências realizadas por agentes regional e local dos municípios que fizeram adesão ao PNEERQ/MT a partir de uma rede de governança para apoiar as redes de ensino. Em Mato Grosso a PNEERQ está distribuída nos 141 municípios sob responsabilidade da UNDIME/MT e CONSED/MT. Entre as atividades propostas está em curso a capacitação de professores e gestores para lidar com questões de raça, identidade e diversidade, promovendo a educação para as relações étnico-raciais e a educação escolar quilombola.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03, capacitação profissional, superação das desigualdades raciais.

# **PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE ESTUDOS COMO OUVINTE: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA**

ALMEIDA, Carlos Eduardo Euphrásio de (UEMS)  
carloseea@outlook.com

VIEIRA, Mauricio Macedo (UEMS)  
mauricio.vieira@uems.br

CATANANTE, Bartolina Ramalho (UEMS)  
bartolina@uems.br

A universidade enquanto espaço formador de conhecimento é fundamental para o desenvolvimento na formação intelectual humana pois por ela contempla-se a prática educativa com papel importante de promover mudanças significativas no comportamento dos acadêmicos, em seu processo de aprendizagem pois, caso contrário, a função da sala de aula torna-se questionável. Nesse contexto, ver o processo de formação dentro de um grupo de pesquisa de mestrado emerge como um componente intrínseco a diversos pensamentos, navegando entre os mais variados contextos teóricos, com seus autores que até então nós não os conheciam, despertando assim, o desejo pela obtenção de mais conhecimentos. O âmbito acadêmico nos proporciona uma rica oportunidade para discutir e refletir sobre as diversidades que estão presentes em nossa sociedade, proporciona aos acadêmicos uma reflexão para a mudança de nossa realidade, considerando os aspectos sociais, inclusive. Aprender a escrita acadêmica para trazer valor e expressividade em nossos textos, dialogar com leitores de forma clara assegurando que nossas ideias sejam compreensíveis são elementos constitutivos das ações no grupo de pesquisa. Assim, prestar atenção nas orientações dos professores-orientadores e de autores são imprescindíveis para o desenvolvimento de um trabalho coeso e relevante. A proposta do grupo é incluir elementos cruciais de como refletir a ideia inicial de forma clara e instigante, sendo assim, precisamos transmitir a identidade dos que estão em processo de formação pelos textos, encantando os leitores

com suas propostas. A fundamentação teórica se faz necessária para buscar autores que discutam a temática enquanto àqueles que abriram caminhos no referido assunto. Essa busca por referenciais teóricos fortalece a argumentação dos trabalhos e assegura a sua relevância. A participação portanto, no grupo de pesquisa contribui para o direcionamento dos estudos, delineando os caminhos a serem explorados.

**Palavras-chave:** GEPPEHER/UEMS; Acadêmico ouvinte; Grupo de estudos e pesquisa.

# **RELIGIOSIDADE E CIÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO GRUPO DE PESQUISA GEPPEHER/UEMS**

VIEIRA, Mauricio Macedo (UEMS)  
mauricio.vieira@uems.br

CATANANTE, Bartolina Ramalho (UEMS)  
bartolina@uems.br

Este trabalho propõe apresentar a reflexão sobre as contribuições advindas da Universidade durante os encontros realizados no grupo de estudos e pesquisa em educação para as relações étnico-raciais – GEPPEHER/UEMS e, para além da academia, quando pensado em teorização versus práticas pedagógicas provocados pelo debate a partir de textos teóricos sobre as religiões de matriz africana enquanto sistemas epistemológicos densos e profundamente vinculados à história de resistência dos povos afro-brasileiros, em especial das vivências nos circuitos culturais e religiosos. As atenções desta comunicação recaem sobre a articulação entre os saberes dos terreiros – o Candomblé e a Umbanda – e as desenvolvidas no campo acadêmico da pesquisa e da extensão. Na pesquisa parte-se da compreensão de que tais religiões não são apenas práticas espirituais, mas também formas de conhecimento, pedagogias ancestrais e tecnologias de cuidado coletivo. Em um país onde o racismo religioso ainda é amplamente presente, refletir sobre a legitimidade desses saberes implicam na adoção de uma postura antirracista e decolonial. Utilizando-nos de abordagem qualitativa e análise bibliográfica interdisciplinar, o trabalho no grupo de pesquisa se ancora em autores como Bastide (2016), Beniste (2024) e Lopes (2024) para discutir a potencialidade das tradições de religiões afro-brasileiras nos currículos escolares e a urgência de se promover uma educação intercultural. Argumenta-se que as epistemologias de terreiros podem contribuir significativamente para o reconhecimento das populações que professam a sua fé na religiosidade de matriz africana e afro-brasileira como sendo de sua própria identidade, do entendimento e respeito às

diversidades religiosas e a construção de uma cidadania mais democrática e sem racismo religioso. Os dados apontam caminhos para o diálogo entre instituições educativas e comunidades tradicionais, defendendo o protagonismo das pessoas de terreiro na produção e na circulação do saber. Considera-se finalmente então que reconhecer essas tradições ancestrais é um ato político e pedagogicamente necessário.

**Palavras-chave:** Educação; GEPPEHER; Afro-brasileiro; Saberes de terreiro; Identidade.

# MULHERES NEGRAS QUE ESCREVEM O MUNDO: LITERATURA, CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

SILVA, Emanuele Corrêa de França (SEDUC/MT)  
emanuele.silva@edu.mt.gov.br

JESUS, Ranielli Mendes de (SEDUC/MT)  
ranielli.jesus@edu.mt.gov.br

Este resumo apresenta os resultados preliminares de uma experiência desenvolvida no primeiro semestre de 2025, na Escola Estadual Maria Leite Marcoski, em Várzea Grande, MT, no âmbito do Projeto Comitê da Equidade, uma iniciativa da própria escola, cujo objetivo é promover e consolidar práticas de equidade social e educacional antirracista. A ação, desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa, teve como eixo central a leitura e análise de obras Balada de Amor ao Vento e A louca de Serrano, das autoras africanas de língua portuguesa Paulina Chiziane e Dina Salústio, bem como das obras Olhos d'água e Quarto de Despejo: Diário de uma favelada, das escritoras afro-brasileiras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. As atividades envolveram as turmas do 2º ano do Ensino Médio, que apresentaram seminários em salas temáticas para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e das demais séries do Ensino Médio. A proposta visou ampliar o repertório literário dos estudantes, possibilitando reflexões sobre identidade, gênero e desigualdade social, a partir da literatura como instrumento de resistência e valorização das vozes femininas negras. Os resultados evidenciaram o engajamento dos alunos, o fortalecimento e o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca das narrativas históricas e culturais que estruturam a sociedade. Além disso, a ação contribuiu para a efetivação da Lei 10.639/2003, que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, reforçando o papel da escola como espaço de transformação social, respeito à diversidade e construção de uma educação antirracista.

**Palavras-chave:** Literatura Africana e Afro-brasileira; Vozes Femininas; Educação Antirracista.

# **FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM MATO GROSSO: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

SIQUEIRA, Hevillyn Fernandes de Siqueira (GEPDSE/UFMT)  
hevillyn.siqueira@sou.ufmt.br

PEREIRA, Luciano da Silva Pereira (GEPDSE/UFMT)  
luciano.profufmt@gmail.com

Este resumo é um recorte da pesquisa em andamento, intitulada “Formação continuada de professores: identidades, políticas e práticas pedagógicas na Educação das Relações Étnico-Raciais em Mato Grosso”, desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa GEPDSE. A pesquisa busca evidenciar e enfrentar a distância entre as políticas educacionais e sua efetiva implementação nas práticas escolares. A pesquisa busca compreender as lacunas existentes entre as políticas educacionais especialmente as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que determinam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena e sua efetiva implementação nas práticas pedagógicas. Apesar de avanços legais e institucionais, o racismo e o preconceito ainda se manifestam nas escolas, muitas vezes de maneira velada, sustentados por currículos eurocentrados e práticas que desconsideram a pluralidade étnico-racial que permeiam o espaço escolar. Como graduanda em Letras na UFMT, e bolsista do PIBIC/UFMT reconheço a relevância desse projeto diante das limitações vivenciadas na formação inicial, onde os debates sobre diversidade cultural e racial foram escassos. Essa percepção se intensificou durante minha atuação como monitora inclusiva, ministrando aulas de Língua Portuguesa para estudantes quilombolas. Ao longo de seis meses de monitoria, constatei a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as realidades culturais dos alunos, de modo a construir práticas pedagógicas mais significativas e inclusivas. Assim,



minha inserção no projeto representa não apenas uma ampliação do aprendizado acadêmico, mas também uma oportunidade de contribuir para a formulação de estratégias que fortaleçam a prática docente e o cumprimento das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, promovendo a valorização das identidades e das origens culturais que compõem a sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Educação; Relações Étnico-Raciais; Formação docente; Inclusão.

# **CONTRIBUIÇÕES DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA A FORMAÇÃO DE DUAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFMT**

OLIVEIRA, Janine de Queiroz Silva Duarte  
(UFMT/ NEPRE/Bolsista CNPq)  
duartejaninesilva@gmail.com

MARTINS, Maryanna Rayssa Fernandes da Costa  
(NEPRE/Bolsista – PROPESQ/UFMT)  
maryannafernandes034@gmail.com

COSTA, Candida Soares da (NEPRE/UFMT)  
candidasoarescosta@gmail.com

Este resumo apresenta a experiência vivenciada por duas estudantes no âmbito da Iniciação Científica durante a graduação, evidenciando os benefícios desse processo para o desenvolvimento acadêmico, pessoal e formativo das discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A inserção na Iniciação Científica se deu por intermédio do Núcleo de Estudo e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE). As atividades de iniciação científica propiciaram às discentes a aproximação à prática acadêmico-científica de produção de conhecimentos por intermédio do acesso a diferentes bases de dados, compreendendo a importância das fontes confiáveis e do rigor na seleção de materiais teóricos. O contato constante com textos científicos contribuiu para o aprimoramento da escrita acadêmica, tornando-a mais objetiva e fundamentada. Além disso, a vivência em ambientes de pesquisa, como o Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), tornou possível a participação em atividades de grupo de estudo, orientações coletivas com estudantes da pós-graduação em nível de Mestrado e de Doutorado em Educação, em reuniões, e discussões sobre textos da temática das relações étnico-raciais, fortalecendo a comunicação oral e a autoconfiança das estudantes, competências essenciais no cotidiano acadêmico, bem como para a formação docente, visando futura atuação

profissional crítica, reflexiva e comprometida. Os momentos de troca e diálogo com a orientadora e colegas ampliam a compreensão sobre o processo de construção do conhecimento, incentivando o pensamento colaborativo, desenvolvendo a argumentação e segurança ao expressar ideias. De modo geral, a experiência na Iniciação Científica tem se revelado transformadora. Mais do que aprender sobre métodos e teorias, as estudantes descobriram o valor da curiosidade, da persistência e da reflexão na prática educativa. Essa vivência tem contribuído para formar futuras professoras mais preparadas, conscientes do seu papel social e comprometidas com uma educação de qualidade.

**Palavras-Chave:** Iniciação Científica; Pedagogia; NEPRE.

# **CORES DA ÁFRICA: CULTURA, CONSCIÊNCIA E VALORIZAÇÃO – REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA NA EMEB MARIA DIMPINA LOBO DUARTE**

COSTA, Gracielle Fabiane de Arruda (Rede Municipal/MT)  
profgracicosta@gmail.com

FALCÃO, Ândria Vieira (Rede Municipal/MT)  
andria.falcao@edu.mt.gov.br

LENA, Ângelo Valentim (Rede Municipal/MT)  
angelo.lena@sme.cuiaba.mt.gov.br

TORTORELLI, Maria Aparecida (Rede Municipal/MT)  
tortorelliemeb@gmail.com

O projeto desenvolvido na EMEB Maria Dimpina Lobo Duarte, originou-se de uma pesquisa-ação onde evidenciou a importância de promover o ensino da cultura afro-brasileira no contexto educacional. O principal objetivo consistiu em afirmar a relevância dessa temática no currículo escolar, contribuindo para a desconstrução de uma possível visão estereotipada de que a África seja um país e destacando sua ampla diversidade cultural. Participaram do projeto turmas do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que se envolveram em atividades de pesquisa e produção artística. Entre as ações desenvolvidas, destacam-se a elaboração de bandeiras africanas acompanhadas de informações sobre os países. Criação de painéis temáticos sobre o Egito e figuras históricas como Cleópatra e a montagem de um museu interativo, que abordavam o protagonismo de mulheres negras na ciência. As atividades práticas incluíram a confecção de pipas – simbolizando as cores das bandeiras dos países estudados e sua luta pela liberdade –, oficinas de grafite, hip-hop, tranças, turbantes e stencil, exposição Grandes Heroínas Negras e apresentações das crianças com capoeira, dança de siriri, desfile. Essas experiências promoveram a valorização da identidade e da estética afro-brasileira, o fortalecimento da autoestima e o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para a formação

da sociedade brasileira. Com o propósito de estimular a autonomia e o protagonismo das crianças, possibilitou-se que elas participassem das diferentes atividades de acordo com seus interesses e afinidades, favorecendo o aprendizado ativo e o engajamento crítico. Nesse sentido, conforme Nilma Lino Gomes (2023, p. 10), “é importante que as pesquisas no campo das infâncias, ao destacarem a especificidade das infâncias negras, considerem as crianças negras como sujeitos de direitos, de conhecimento, de prática e de experiências étnico-raciais”. Acredita-se que a escola contribuiu com a valorização da diversidade, reconhecimento de si e da construção de saberes comprometidos com a equidade racial.

**Palavras-chave:** Lei 10.639; Cultura afro-brasileira; Educação antirracista; Protagonismo infantil.

# O RACISMO NO ENSINO DE ANATOMIA HUMANA PARA MEDICINA NO SÉCULO XXI: UMA REVISÃO NARRATIVA

RAMOS, Luana Anjos (UFMT/CUA)  
luana.anjos-ramos@unesp.br

BECERRA, Maria Janeth Mosquera (Universidad del Valle)  
janeth.mosquera@correounivalle.edu.co

CIRYNO, Eliana Goldfarb (UNESP/FMB)  
eliana.goldfarb@unesp.br

A anatomia humana sempre foi uma disciplina básica fundamental para a formação médica. Ao longo dos séculos considerou-se como padrão uma mesma anatomia eurocentrada. Além disso, docentes e estudantes estão submersos em padrões sociais, que de forma estrutural consolidam paradigmas que ditam o que pode ou não ser considerado anatomicamente aceitável – em um cenário acadêmico de saúde predominantemente de uma mesma origem social e racial. O presente trabalho se debruça sobre o ensino de anatomia humana nos cursos de medicina, diante do racismo no século XXI. Foi realizada uma revisão narrativa da literatura disponível sobre os assuntos, com os descritos “Anatomia humana e racismo”, entre os meses de agosto à outubro de 2024. Foram analisados documentos publicados entre os anos de 2000 a 2024, nas bases de dados (SciELO, Pubmed, Cochrane, Google Acadêmico, Embase) – além da inserção manual de publicações pertinentes para a discussão, pesquisados em português e inglês. Foram selecionados 11 documentos, com base nos critérios de inclusão e exclusão, abordando o tema. Desde o ano 2000, tem sido tema de debate a utilização de cadáveres não reclamados associados historicamente a subjugação dos corpos negros, simultaneamente sub-representados nos livros de anatomia. Por outro lado, estes mesmos corpos são minoria neste meio acadêmico. Destacam-se as produções audiovisuais e o papel dos coletivos negros, a partir das cotas raciais, contestando paradigmas do currículo oculto estabelecido. Infelizmente, as variações anatômicas ainda são descritas com base em

critérios eugenistas do último século, mesmo no Brasil, com uma população predominantemente negra. Neste sentido, considera-se imperativo implementar mudanças práticas no ensino de anatomia, fomentando uma visão de corpos com diversidades para a base formativa médica. Esta adaptação é fundamental para promover a equidade/diversidade e garantir que a prática médica se ajuste a realidade clínica.

**Palavras-chave:** Anatomia; Educação de graduação em medicina; Iniquidades raciais.

# EDUCAÇÃO NO HIP HOP: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE

SOUZA, Haniel Lucas Santana de  
haniellucas24@gmail.com

BITENCOURT, Silvana Maria  
silvanasocipufmt@gmail.com

O presente resumo integra a produção de um artigo acadêmico que propõe uma reflexão crítica acerca do papel do RAP enquanto instrumento pedagógico e decolonial, articulando contribuições teóricas de Frantz Fanon, Achille Mbembe, bell hooks, Paulo Freire e Clóvis Moura. A partir da provocação de Mano Brown – “Duas vezes melhor como?” –, discute-se a lógica colonial que impõe aos corpos negros a necessidade de provar constantemente seu valor diante de uma estrutura social que os marginaliza. Essa exigência de excelência, pautada em parâmetros brancos e eurocêntricos, reforça a desumanização histórica da população negra e a perpetuação da violência epistêmica. Fundamentado em uma abordagem bibliográfica e analítica, o artigo examina letras de artistas como Racionais MC’s, Eduardo Taddeo, BK e VND, compreendendo o RAP como contradiscurso que confronta o racismo estrutural e denuncia a exclusão social e simbólica das periferias. O Hip-Hop, enquanto movimento cultural afro-diaspórico, é reconhecido como prática educativa insurgente que valoriza saberes periféricos, estimula a consciência crítica e resgata a memória coletiva de resistência. A partir das reflexões de Achille Mbembe, interpreta-se a violência letal contra a juventude negra como expressão da necropolítica, em que o Estado define quem pode viver e quem deve morrer. Nesse contexto, canções como “A Era das Chacinas”, de Eduardo Taddeo, configuram-se como documentos poético-políticos de denúncia e resistência. No campo educacional, o RAP é compreendido como pedagogia da resistência inspirada em bell hooks e Paulo Freire, capaz de transformar a sala de aula em



espaço de diálogo, afeto e emancipação. Conclui-se que o RAP, ao descolonizar o pensamento e reescrever a história, constitui um ato político de libertação e afirmação da existência negra.

**Palavras-chave:** RAP; Educação; Decolonialidade; Necropolítica; Resistência.

## PRIMEIRA FEIRA CORES DA CIÊNCIA E CULTURA 'DONA IVONE LARA'

PAIVA, Maria Araujo Santos (IFMT)  
mariaaspaiva@gmail.com

SANTOS, Viviane (UFMT)  
vivianesantos@fisica.ufmt.br

Com o intuito de valorizar mulheres que promovem arte e ciência, especialmente mulheres negras, e celebrar o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, o projeto de extensão Mulheres nas Ciências idealizou a I Feira Cores da Ciência e Cultura “Dona Ivone Lara”, que foi realizada no dia 3 de setembro de 2025, nas dependências da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A feira foi parte integrante da Primeira Rota da Ancestralidade – Edição UFMT, e partiu da premissa de que a dissociação entre a prática científica e os contextos culturais contribui para a produção de rupturas, isolamento e desconfiança entre a comunidade acadêmica e o saber popular, a feira foi concebida como um espaço de articulação e integração entre diferentes formas de conhecimento. O evento contou com a participação de mulheres indígenas e negras, feirantes, artesãs, pesquisadoras e artistas, além da exposição de banners e trabalhos acadêmicos, bem como da comercialização de artesanatos e apresentações culturais produzidas e realizadas por mulheres. Durante as atividades culturais, entre uma apresentação musical e outra, uma mulher (feirante, artista ou pesquisadora) compartilhava sua trajetória e/ou expunha seu trabalho, promovendo, assim, a interlocução entre os campos da ciência, da arte e da cultura. Essa dinâmica buscou fomentar vínculos interdisciplinares e intersetoriais, com o objetivo de fortalecer a presença feminina na produção científica, além de valorizar os saberes plurais. A realização do evento evidenciou a potencialidade da integração entre a ciência, a cultura e a arte, bem como a importância de mais ações que valorizem o conhecimento e a presença de pessoas negras.

**Palavras-chave:** Mulheres na Ciência; Cultura; Arte; Integração; Extensão.

# ENTRE CONQUISTAS E DESAFIOS: A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 E O CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

NUNES, Luís Muro Costa (URI)  
luismauronunes51@gmail.com

ARRUDA, Rosana Fátima de (UFMT)  
drosanafatima@gmail.com

Após vinte anos da promulgação da Lei nº 10.639/03, questiona-se: quais foram as conquistas e os desafios para a efetivação de uma educação antirracista? Este artigo busca refletir sobre essa questão a partir de entrevistas realizadas, via *Google Forms*, com cinco professores/as do Ensino Fundamental I de uma unidade municipal de Cuiabá. O estudo procura compreender os possíveis caminhos para a implementação de práticas pedagógicas antirracistas, analisando as falas dos/as colaboradores/as em diálogo com autores como Arruda (2021), Gomes (2005), Munanga (2005) e Santos (2022). Embora a Lei nº 10.639/03 tenha tornado obrigatória a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, sua efetivação na prática pedagógica ainda se revela um desafio. A investigação adota uma abordagem qualitativa, com análise dos dados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). Os resultados indicam que, apesar do conhecimento generalizado sobre a lei entre os/as participantes, persistem desafios e impedimentos à sua implementação efetiva sob a perspectiva de uma educação antirracista. Evidencia-se a necessidade de uma formação inicial e continuada que promova currículos, conteúdos e métodos de ensino capazes de inverter as relações étnico-raciais hierarquizadas, substituindo-as por relações baseadas na valorização das contribuições do povo negro e dos povos originários. Conclui-se que a conscientização sobre a diversidade étnico-cultural brasileira é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e equitativa.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03; Educação antirracista; Formação docente; Diversidade étnico-cultural.

# VIVÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO AUTOETNOGRÁFICA SOBRE IDENTIDADE, RAÇA E SEXUALIDADE

BRAGA, Marco Antônio Alves (UNEMAT)  
marco.braga@unemat.br

NUNES, Luís Muro Costa (URI)  
luismauronunes51@gmail.com

Os espaços escolares se mostram, há muito tempo, como castradores das possibilidades de desenvolvimento do ser humano na sua forma integral. Mesmo com todos os avanços na história, ainda vivenciamos situações onde a heterocisnormatividade impera nos diferentes espaços de convivência. As escolas que deveriam ser espaço de diálogo, são instrumentos de naturalização do que está posto como certo, e único caminho a ser seguido. Criam-se grupos sociais, exclui-se de forma estruturada com base na branquitude, dos discursos homofóbicos, misóginos, opressores, machistas, através de diferentes formas de preconceito. A história contada a partir dos movimentos antirracistas demonstra a importância da contribuição dos povos africanos na construção da história do povo brasileiro e de sua constituição. Essa mesma escola, que durante séculos se mostrou e ainda se mostra perversa e excludente, pode ser também espaço de diálogo, de exposição das questões que fogem à dominação branca e machista, por meio de um currículo que esteja a serviço das práticas antirracistas, democráticas e de construção de novos olhares a partir da consolidação da Lei 10.639/03. Neste sentido, o presente trabalho é baseado na metodologia de autoetnografia, percorrendo minha história de vida, de forma que se questiona, a todo momento, o papel da escola no trato das relações de discriminação e invisibilização de pessoas negras e gays no ambiente escolar. A própria escola serviu como espaço de desconstrução e demonstração de que todas as pessoas, independentemente da cor, da raça, da orientação sexual, poderão ocupar os lugares que lhes são de direito.

**Palavras-chave:** Espaços escolares; grupos sociais; antirracistas; preconceito.

# **PNEERQ E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03**

VELHO, Tamires Cristina Fiuza  
(PNEERQ/UNDIME/SEDUC/SEMEC/COLNIZAMT)  
tamires.velho@edu.mt.gov.br

ARRUDA, Rosana Fátima de  
(PNEERQ/UNDIME/SEDUC/SMECEL/VGMT)  
drfatima@gmail.com

SANTANA, Carmem Cinira  
(PNEERQ/UNDIME/SMECEL/CBAMT)  
carmemcinira@gmail.com

A Política Nacional de Equidade, Educação das Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), instituída pelo Decreto nº 745/2024, representa a retomada e o fortalecimento da Lei nº 10.639/2003, marcos fundamentais resultantes das lutas dos movimentos negros pela consolidação de uma educação antirracista e equitativa. Apesar de constituir um avanço significativo nas políticas educacionais, a PNEERQ ainda impõe desafios quanto à sua implementação efetiva no chão da escola, especialmente no que se refere à formação docente e à construção de práticas pedagógicas comprometidas com a superação do racismo estrutural. Diante dessa realidade, venho apresentar os resultados da experiência desenvolvida enquanto Agente Regional de Governança da PNEERQ na Diretoria Regional de Educação (DRE) de Juína-MT, responsável por dez municípios, destacando as ações articuladas para o fortalecimento das práticas antirracistas nas escolas. A experiência envolveu reuniões de alinhamento com gestores, o desenvolvimento de pequenos projetos integradores entre as redes estadual e municipal, e o suporte oferecido na realização de cursos e formações continuadas voltadas à temática da equidade racial, com foco nos públicos adolescente e infantil. A metodologia adotada baseou-se na execução de projetos integradores orientados por mim e pelo Núcleo de Igualdade Racial da DRE, sendo a coleta de dados realizada a partir de relatórios das atividades. Fundamentado em autores como Arruda

(2012), Freire (1979; 2016), Costa (2013), Silva (2014) e Munanga (1995), o estudo evidencia que, embora o interesse inicial dos docentes ainda seja restrito, o engajamento cresce à medida que as ações são efetivadas. Os resultados demonstram avanços expressivos, especialmente no município de Colniza-MT, onde a mobilização das redes consolidou práticas pedagógicas mais contextualizadas, fortalecendo a efetivação da educação antirracista.

**Palavras-chave:** Formação docente; Lei nº 10.639/2003; Educação antirracista.

# **PNEERQ O PAPEL DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA**

VELHO, Tamires Cristina Fiuza  
(PNEERQ/UNDIME/SEDUC/SEMEC/COLNIZAMT)  
tamires.velho@edu.mt.gov.br

GOMES, Marlene Lina  
(SEDUC/SEMEC/COLNIZAMT)  
marlene-lina.gomes@edu.mt.gov.br

MORAES, Danubia Fernanda Martins de  
(SEDUC/SEMEC/COLNIZAMT)  
danubia.martins@edu.mt.gov.br

ARRUDA, Rosana Fátima de  
(PNEERQ/UNDIME/SEDUC/SMECEL/VGMT)  
drfatima@gmail.com

A Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), é voltada à promoção da equidade, valorização da cultura afro-indígena e implementação da Lei 10.639/2003, conforme fundamentações de Arruda (2012), Freire (1979; 2016), Costa (2013), Silva (2014) e Munanga (1995). O presente relatório analisa as ações desenvolvidas pela equipe da DRE de Juína-MT bem como da Agente de Governança Regional indicação da PNEERQ/UNDIME de Mato Grosso, no âmbito das iniciativas articulando gestores, professores e comunidade, fortalecendo a integração intermunicipal e garantindo suporte técnico-pedagógico contínuo, com ênfase na redução das desigualdades educacionais por raça/cor e no engajamento docente em práticas pedagógicas inclusivas.

Destaca-se, entre as experiências exitosas, a realização de um projeto interdisciplinar com alunos do Ensino Médio, envolvendo História, Artes e Língua Portuguesa, com foco na valorização da cultura afro-indígena. No âmbito da disciplina de Literatura, foram promovidas atividades de leitura e debate sobre a literatura feminina negra do Brasil, estimulando a reflexão crítica sobre diversidade cultural e representatividade. Fundamentadas em Freire (1979; 2016) e Munanga (1995), essas ações

possibilitaram o desenvolvimento de competências críticas e criativas, a compreensão da construção histórica das identidades e o fortalecimento do protagonismo estudantil. As ações de governança regional contribuíram significativamente para a sensibilização e orientação das equipes escolares, incentivando a adoção de práticas pedagógicas alinhadas à PNEERQ e à Lei 10.639/2003. O acompanhamento sistemático permitiu identificar boas práticas, propor estratégias de aprimoramento das políticas educacionais e consolidar a gestão participativa, resultando em avanços concretos na promoção da equidade racial e da inclusão cultural. A experiência evidencia a importância da articulação entre teoria e prática pedagógica para a consolidação de uma educação antirracista e afirmativa das identidades culturais locais.

**Palavras-chave:** PNEERQ. Equidade racial. Educação antirracista.



# EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA PARA ESTUDANTES MIGRANTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MATO GROSSO

MOURA, Ricardo Luiz de  
ricardo.moura3108@gmail.com

O cenário migratório em Mato Grosso como em todo o território brasileiro tem se intensificado nos últimos anos, especialmente com a chegada de haitianos, venezuelanos e migrantes oriundos de outros países latino-americanos e africanos. Estes sujeitos, ao ingressarem nas escolas públicas do estado, trazem consigo identidades plurais, diferentes repertórios linguísticos e experiências marcadas por trajetórias de deslocamento. A convivência escolar nesse contexto exige práticas pedagógicas que assegurem o direito à educação com equidade, combatendo todas as formas de racismo e exclusão. A educação antirracista constitui componente essencial para o acolhimento e a valorização desses estudantes, pois considera suas culturas, línguas e histórias como parte legítima do processo educativo. A língua portuguesa, enquanto língua de escolarização no Brasil, pode representar barreira significativa à aprendizagem quando não é reconhecida como segunda língua para esses estudantes. A ausência de estratégias didáticas específicas pode gerar dificuldades de comunicação, baixo rendimento escolar e situações de discriminação, incluindo o preconceito linguístico. Dessa forma, torna-se urgente o desenvolvimento de metodologias baseadas em princípios de inclusão linguística, que promovam o ensino de português como segunda língua articulado ao respeito pelas línguas maternas dos estudantes migrantes. Nas escolas públicas mato-grossenses, práticas como formação docente sobre diversidade cultural e racial, projetos bilíngues, mediação intercultural e ações de sensibilização contra xenofobia e racismo apresentam-se como caminhos fundamentais. O reconhecimento do pluralismo cultural não apenas fortalece a autoestima dos estudantes migrantes, como também contribui para ampliar a consciência social da comunidade escolar sobre a importância da convivência democrática. Conclui-se que a articulação entre uma educação antirracista e o ensino de português como segunda língua constitui compromisso imprescindível para garantir inclusão social, justiça educacional e a efetivação dos direitos desses estudantes nas escolas públicas de Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Migração. Educação antirracista. Inclusão linguística.

# PROTAGONISMO NEGRO EM MATO GROSSO: VILA SÃO VICENTE DA SERRA

GOMES, Kíssila Daniel Miranda (UFMT/Bolsista CAPES)  
kissila.danielmirandagomes@gmail.com

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (UFMT)  
analuisatri@gmail.com

O “Protagonismo Negro: Vila São Vicente da Serra” teve como tema central promover discussões relacionadas a participação, representação e contribuição da população negra na formação da sociedade mato-grossense. Sua aprovação justificou-se pela necessidade acadêmica e social que temos em trazer à tona a discussão crítica da existência e contribuições do povo negro na formação integral da sociedade mato-grossense. O objetivo foi desenvolver, em conjunto com os e as estudantes, um saber crítico sobre as Relações Étnico-Raciais por meio da história do negro no Brasil. Realizado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT – Campus São Vicente, aprovado no Edital no 44/2022 – Apoio a Extensão – Edital de Extensão, teve início de execução em 01/06/2022 e término em 30/06/2023. Teve como foco tecnológico: Direitos Humanos, Justiça e Cidadania; como área do conhecimento: Ciência Política (Ciências Humanas); área temática: Relações Étnico-Raciais; público-alvo: estudantes do IFMT. A equipe contou com: uma coordenadora (Técnica Administrativa em Educação), um docente (como apoio) e quatro estudantes bolsistas. O critério de seleção de bolsistas foi: serem estudantes negros/as (pretos/as ou pardos/as) cursando Ensino Médio Integrado. As reuniões e discussões aconteceram periodicamente às segundas-feiras letivas. Conclui-se que a extensão promoveu processos formativos por meio de prática pedagógica possibilitando aos e às estudantes acesso a leituras e discussões sobre as Relações Étnico-raciais.

**Palavras-chave:** IFMT. Ensino Médio Integrado. Protagonismo Negro. Relações Étnico-Raciais. Práticas Pedagógicas.

# **RELATO DE EXPERIÊNCIA – PROJETO DE EXTENSÃO “CULTURA PRETA: AÇÕES AFIRMATIVAS DE CULTURA NA UFMT”**

TORRES, Danielly Gomes (NEPRE/UFMT)  
daniellygomesstorres@gmail.com

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (NEPRE/PPGE/UFMT)  
analuisatri@gmail.com

O Projeto “Cultura Preta: Ações Afirmativas de Cultura na UFMT” se encontra em sua 9ª edição e surgiu como uma ação cultural de estudantes ingressantes por Política De Ação Afirmativa (SiSu) e Programa de Inclusão Quilombola (PROINQ) na UFMT, revelando-se como uma vitrine de manifestações culturais de matrizes africanas no Brasil, sendo um dos projetos de extensão integrantes do Programa “Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT – Edição 2025”, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Educação (NEPRE). Diante disso, o projeto tem como objetivo criar espaços de aprendizagem, expressão e troca de experiências, valorizando e difundindo a cultura afro-brasileira no espaço acadêmico. As ações são realizadas pelo NEPRE, integrando a Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, em diálogo com o Coletivo Negro Universitário (CNU). Participar deste projeto de extensão tem sido uma experiência muito rica e transformadora, essas vivências me aproximaram de temáticas fundamentais para a educação e para a vida, como o enfrentamento ao racismo, a valorização das identidades negras e a importância das políticas afirmativas na educação superior. Até o presente momento participei de grupos de estudos, reuniões da equipe de organização, atividades de planejamento coletivo e momentos de formação tivemos leituras e debates de textos de autoras e autores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes e Petrônio Domingues, que ampliaram meu olhar sobre as questões étnico-raciais no Brasil e me fizeram refletir sobre o papel da educadora e do educador na

construção de uma sociedade mais justa e antirracista. Além disso, tenho contribuído na organização da XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira e do II Fórum Relações Étnico-Raciais – IE, participando de reuniões, anotações e discussões coletivas sobre a programação cultural e acadêmica. Outra parte importante da minha experiência foi a elaboração e submissão do resumo e do vídeo para a Mostra de Extensão da UFMT, momento em que pude sintetizar o sentido do projeto e compartilhar o aprendizado adquirido com outras pessoas da comunidade universitária. Entre outras experiências, realizei estudos individuais, leituras preparatórias e organização de relatórios no espaço do NEPRE, o que me ajudou a desenvolver disciplina e autonomia na pesquisa. O Cultura Preta é muito mais que um projeto de extensão, ele representa um espaço de resistência, de troca e de pertencimento, onde aprendo constantemente sobre a força da coletividade e a importância de dar visibilidade às vozes negras dentro da universidade. Participar deste projeto tem fortalecido minha formação como futura pedagoga, me inspirando a levar para a sala de aula o compromisso com uma educação antirracista, inclusiva e humana.

**Palavras-chave:** Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Educação; Coletivo Negro Universitário; Ações Afirmativas; Cultura Preta.

# **RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “CAPOEIRA ANTIGA DE ANGOLA: ARTICULANDO VIVÊNCIAS E SABERES NA UFMT”**

SOUZA, Grasyella Aparecida de (UFMT)  
grasysouza142@gmail.com

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (NEPRE/PPGE/UFMT)  
analuisatri@gmail.com

Neste relato eu compartilho a minha experiência quanto bolsista e membro do projeto “Capoeira Antiga de Angola: Articulando Vivências e Saberes na UFMT”, sendo um dos projetos de extensão integrantes do Programa “Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT – Edição 2025”, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Educação (NEPRE), coordenado pela Profa. Dra. Ana Luisa Alves Cordeiro. O projeto de extensão ocorre em parceria com o Grupo de Capoeira Quilombo Angola, coordenado pelo Mestre Olavo Perri Reis, num contexto de ações afirmativas que visem a valorização da cultura afro-brasileira e africana e tem como objetivo central promover a vivência das manifestações culturais da Capoeira Angola e do Samba de Roda. As atividades são abertas e gratuitas a toda comunidade acadêmica e comunidade externa da universidade e realizadas no saguão do Centro Cultural da UFMT, pelos professores Everton Medeiros e Fabrício Camargo, todas segundas, quartas e sextas-feiras, no período noturno. O projeto de extensão é aberto para a comunidade interna e externa da UFMT. Minha participação no projeto acontece de forma igualitária, assim como todos(as) os(as) integrantes. Sobre as atividades, elas são divididas entre duas ou três partes, na primeira parte, realizamos os movimentos da capoeira no lugar, focando na técnica no equilíbrio e na flexibilidade do movimento, na segunda parte, repetimos esses movimentos em dupla, formando o jogo e desenvolvendo o raciocínio rápido entre atacar e se defender. Em algumas aulas há uma terceira parte em que trabalhamos a musicalidade,

tocamos instrumentos. Considero o projeto extremamente importante por oferecer a prática da capoeira de forma totalmente gratuita para todos(as). A capoeira é uma atividade acessível para todas as idades e funciona como exercício físico completo, que trabalha corpo e mente. Para mim, como estudante de Educação Física, essa vivência tem complementado o meu estudo, o que eu experiencio nas práticas do projeto amplia minha formação acadêmica por se relacionar diretamente com os conteúdos do curso.

**Palavras-chave:** Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Educação; Capoeira Antiga de Angola; Samba de Roda; Ação Afirmativa; Educação Física.

# **ENTRE O FAZER E O APRENDER: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE UMA BOLSISTA NA “OYÁ CICLO FORMATIVO EM FEMINISMOS NEGROS INSURGENTES”**

PINHEIRO, Larissa Madalena da Silva (NEPRE/CNPq/UFMT)  
larissa.heloize@gmail.com

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (NEPRE/PPGE/UFMT)  
analuisatri@gmail.com

O Feminismo Negro consiste num movimento político que visa enfrentar as múltiplas opressões relacionadas às mulheres negras, nesse sentido, analisa as intersecções que atravessam as vivências das mulheres negras como a raça, o gênero e a classe (Lemos, 2016). Assim, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar o relato de experiência formativa da pesquisadora e bolsista de Apoio Técnico do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nas atividades da extensão “Oyá Ciclo Formativo em Feminismos Negros Insurgentes” que vincula-se ao projeto guarda-chuva “As Interseccionalidades de Gênero, Raça e Classe na Educação Brasileira”, ambos coordenados pela Profa. Dra. Ana Luisa Alves Cordeiro, com financiamento pela Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – Faixa A – Grupos Emergentes. As pesquisadoras são integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE/UFMT) e da Rede Universitas/Br. Essa pesquisa é qualitativa de caráter bibliográfico com foco nas experiências formativas entre o fazer e o aprender da bolsista de apoio técnico, tendo como aporte teórico os campos do Feminismo Negro e da Educação das Relações Étnico-Raciais. A “Oyá Ciclo Formativo em Feminismos Negros Insurgentes” ocorre às quartas-feiras, no período noturno, no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (IE/UFMT) e conta com a participação de orientadas de iniciação científica, extensionista e mestrandas, comunidade interna e externa da universidade e evidencia um espaço de conhecimento e aprendizagens compartilhada entre as participantes. As discussões na Oyá atravessaram a minha prática como

bolsista, pois, no desenvolver das atividades pude compreender que o fazer técnico pode ser também um ato político uma vez que estando em coletividade podemos sustentar as nossas (re)existências. Portanto, as experiências formativas vivenciadas na Oyá reforçam a ideia proferida por Jurema Werneck de que “nossos passos vêm de longe” fortalecendo os enfrentamentos e a ancestralidade das mulheres negras.

**Palavras-chave:** Feminismos Negros; Experiências Formativas; Extensão; Bolsista de apoio técnico.



# **GRUPO DE ESTUDOS DO NEPRE – EDIÇÃO 2025: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA EXTENSIONISTA**

NASCIMENTO, Rodolfo Rodrigues do (NEPRE/UFMT)  
rodolfobio.rodrigues@gmail.com

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (NEPRE/UFMT/UFMT)  
analuisatri@gmail.com

O projeto Grupo de Estudos do NEPRE – Edição 2025 integra o programa de extensão “Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT”, e tem como propósito fortalecer o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), criando um espaço de aprofundamento e debate sobre raça, racismo e relações raciais no contexto da universidade. As reuniões do grupo são construídas coletivamente. Nelas, estudamos e debatemos textos de autoras e autores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Vanda Lúcia Sá Gonçalves, João Bosco Medeiros e Petrônio Domingues, entre outros, o que tem contribuído para consolidar um embasamento teórico consistente sobre as relações raciais no Brasil. Esses encontros têm sido espaços de trocas intensas, onde diferentes trajetórias acadêmicas e pessoais se entrelaçam, favorecendo o aprendizado mútuo. Enquanto bolsista extensionista, o projeto tem proporcionado uma experiência formativa singular, marcada pelo diálogo constante entre teoria e prática. Participar da organização e execução das atividades do grupo de estudos tem me permitido compreender, de maneira mais ampla, a necessidade da promoção de espaço de discussão na universidade pública onde se constrói pesquisa, ensino e extensão. Entre os objetivos atingidos, destaco o intercâmbio de conhecimentos sobre relações raciais e políticas de ações afirmativas na sociedade brasileira e o estímulo à produção de novos conhecimentos e práticas voltadas para a educação antirracista. Para além disso, o projeto possibilita a troca de conhecimento entre discentes de graduação, pós-graduação e docentes, e tem se mostrado um importante ponto de apoio para o desenvolvimento de

pesquisas, iniciações científicas e demais produções acadêmicas. Em síntese, minha trajetória no Grupo de Estudos do NEPRE reafirma o potencial da extensão universitária como espaço de formação crítica e emancipadora. O envolvimento direto nas atividades tem me permitido vivenciar o exemplo vivo do entrelaçamento da extensão com a pesquisa.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Ações afirmativas; Relações raciais.

# **RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EXTENSIONISTA – “XIX JORNADA DESIGUALDADES RACIAIS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA”**

BARBOSA, Ana Clara Nunes (NEPRE/UFMT)  
anaclaranunesbarbosa22@gmail.com

CORDEIRO, Ana Luisa Alves (NEPRE/PPGE/UFMT)  
analuisatri@gmail.com

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE/UFMT) realiza a Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, cuja primeira edição ocorreu em 2007, é um evento científico, paralelo ao Seminário Educação Semiedu, atividade anual do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. A Jornada tem atraído centenas de pessoas, um público variado, composto, principalmente, por docentes da educação básica e superior, estudantes da educação básica, de cursos de graduação e de pós-graduação, integrantes de movimentos sociais, do movimento negro, de mulheres negras e quilombolas. A Jornada sempre teve como prática a publicação de resumos encaminhados por professores e professoras da educação básica, que em edições anteriores eram apresentados na Mostra de Experiências Pedagógicas na Implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (Lei n. 10.639/2003) e Educação Escolar Quilombola. Este ano, a Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira realiza sua 19ª edição, prevista para o período de 26 a 28 de novembro de 2025, no Instituto de Educação da UFMT, totalizando carga horária de 40 horas aos/às participantes, cujo tema será “Mulheres Negras nas Ciências e Tecnologias”, para um público estimado de 300 participantes. É o primeiro ano em que a jornada conta com uma extensionista bolsista pela UFMT cujo atribuições é destinada às atividades da jornada. O objetivo é promover um espaço de reflexão crítica interdisciplinar sobre as mulheres negras nas ciências e o trabalho intelectual insurgente que realizam na educação brasileira tendo como enfoque o currículo e as práticas pedagógicas. Por fim, o presente evento ainda está no período

de organização, seguindo o calendário proposto metodologicamente, dando início ao período de inscrições e seguindo com as próximas ações propostas no cronograma, construímos o evento de forma coletiva no Nepre, em reuniões e equipes de trabalho.

**Palavras-chave:** Educação das Relações Étnico-raciais; Extensão; Racismo;. Mulheres Negras.

# PROJETO KILOMBALDEYA E AS LITERATURAS DE AUTORIAS AFRODESCENDENTE E INDÍGENA

NASCIMENTO, Lucy Miranda do (UFMT)  
lucy.nascimento@ufmt.br

BORGES, Jessica Reis (UFMT)  
jr.borges16@hotmail.com

Após vinte e dois anos da implementação da Lei no 10.639/2003 ainda nos deparamos com muitos desafios para que ela seja efetivamente aplicada no contexto educacional e garanta ao alunado o ensino das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas (Lei no 11.645/2008). Dentre um deles, podemos elencar o desconhecimento a respeito das produções intelectuais e literárias de autorias afrodescendentes e indígenas, já que o currículo institucionalizado e os livros considerados canônicos refletem o interesse hegemônico e são eurocentrados. As literaturas negras e indígenas, assim como seus aportes epistêmicos, foram ao longo de séculos marginalizados e desqualificados pelo Epistemicídio que configura o Dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023) que constitui a sociedade brasileira. Considerando que a literatura por seu caráter subjetivo desenvolve a humanidade na medida que nos torna mais compreensivos para a sociedade (Candido, 1988), o propósito do Projeto de Extensão Kilombaldeya, que tem como público alvo professores em formação, tem sido fomentar a leitura dessas literaturas a partir da valorização étnico-racial; assentado teoricamente em conceitos como Afrocentricidade (Asante, 1988), Amefricanidade (Gonzalez, 1988), Escrivência (Evaristo, 1995), Afrorealismo (Duncan, 2005), dentre outros. Portanto, este trabalho objetiva demonstrar a importância da literatura de autoria negra e indígena no ensino, bem como evidenciar como algumas obras discutidas no referido projeto colaboraram na discussão do racismo estrutural e na conscientização sobre os saberes afro-indígenas, dentre outras temáticas como empoderamento, ancestralidade e diversidade cultural.

**Palavras-chave:** Projeto Kilombaldeya; Literatura indígena; Literatura afrodescendente.

# **FORMAÇÃO INICIAL POR MEIO DA PESQUISA: O PIBIC COMO MOVIMENTO FORMATIVO PARA DISCUSSÕES DA ERER**

ALVES, Emilly Vitória Batista Alves (GEPDSE/UFMT)  
emillybatista13alves@gmail.com

PEREIRA, Luciano da Silva Pereira (GEPDSE/UFMT)  
luciano.profufmt@gmail.com

Este resumo é um recorte da pesquisa em andamento, intitulada “Formação continuada de professores: identidades, políticas e práticas pedagógicas na Educação das Relações Étnico-Raciais em Mato Grosso”, desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa GEPDSE, tem como objetivo discorrer sobre a trajetória enquanto acadêmica e o silenciamento e o debate para as questões raciais que perpassam a formação enquanto sociedade e acadêmica. A trajetória na Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), iniciada em 2022 e atualmente em fase de conclusão, revelou-se uma experiência formativa significativa, marcada por aprendizados teóricos e práticos. Entretanto, ao longo desse percurso, tornou-se evidente uma lacuna na abordagem de temas essenciais, como as políticas educacionais e as Relações Étnico-Raciais (ERER). Apesar da presença de práticas pedagógicas no currículo, as discussões sobre enfrentamento ao racismo e valorização da diversidade cultural nas escolas mostraram-se superficiais. Essa ausência de aprofundamento limita a formação docente quanto à mediação de conflitos raciais e ao desenvolvimento de práticas antirracistas no contexto escolar. Diante disso, a inserção no projeto por meio do PIBIC/UFMT, representa uma experiência formativa fundamental, pois supre lacunas da graduação e oferece uma base sólida para a atuação docente comprometida com a equidade racial. A metodologia de pesquisa-ação adotada pelo projeto possibilita a integração entre teoria e prática, estimulando o desenvolvimento de uma postura mediadora e problematizadora diante das realidades educacionais. Participar do projeto tem sido uma oportunidade de fortalecimento profissional e

político, contribuindo para a construção de currículos inclusivos e interculturais, alinhados à formação continuada em EREER. Sugere-se, ainda, a ampliação de espaços de debate na universidade, por meio de palestras e ações de conscientização, a fim de que estudantes de licenciatura desenvolvam desde cedo uma base prática e crítica para o enfrentamento das questões étnico-raciais em sala de aula.

**Palavras-chave:** Educação; Relações Étnico-Raciais; Formação docente; Projeto de Pesquisa.

# DOCÊNCIA E QUESTÃO RACIAL: RELATO DE UM DOCENTE E A FUNDA- MENTAÇÃO TEÓRICA DA PRÁTICA

CARMO, Edson Luis Ismael (Nepre)  
edsomael@gmail.com

Neste relato de experiência apresentamos a vivência de um docente negro que atua na rede pública de ensino, na cidade de Cuiabá-MT. A trajetória pessoal deste, foi marcada pela percepção de um racismo velado ou “despercebido” pelo coletivo, mas de profundo efeito individual que impulsionou uma reflexão contínua sobre o racismo estrutural e a representatividade negra no ambiente escolar. Tal reflexão encontra-se no pensamento de Clovis Moura (2019), que ao dar centralidade à questão racial na formação social brasileira, demonstra a vinculação inseparável entre a luta antirracista e a superação das desigualdades sociais. A atuação do docente, com o componente curricular de Geografia, foi somada a necessidade em trabalhar e discutir questões raciais. Neste contexto, fez da sala de aula um espaço contra hegemônico e afirmação da identidade negra, desenvolvendo o projeto intitulado “Assuma sua Negritude”, onde são utilizadas metodologias artísticas (HQ, pinturas e teatro) para provocar os alunos a refletirem sobre a questão racial e a contribuição negra na formação sociocultural e econômica do Brasil. Essa prática pedagógica, voltada para a construção de ideias contrárias ao racismo, alinha-se diretamente aos pressupostos da EREER. Conforme Cândida Soares da Costa (2011), a EREER (Educação das Relações Étnico-Raciais), fundamentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Leis nº 10.639/03 e 11.645/08), é um fator determinante para a transformação do ambiente escolar e para a defesa da oportunidade de todas as pessoas em todos os espaços da vida coletiva. O projeto “Assuma Sua Negritude”, demonstra que os temas raciais se vinculam à identidade e ao enfrentamento das violências cotidianas, dialoga com a necessidade de uma educação que reconheça e valorize a diversidade, auxiliando ainda na superação das projeções e estigmas racistas.

**Palavras-chave:** Docente negro; Racismo estrutural; Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER); Identidade negra; Prática pedagógica antirracista.



# **É HORA DA ENTREVISTA: A PERCEPÇÃO DO RACISMO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SANTOS, Laura Aparecida Marques Moreira (Seduc/MT)  
laura-aparecida.moreira@edu.mt.gov.br

OLIVEIRA, Silvana Costa (Seduc/MT)  
silvana.costa@edu.mt.gov.br

Este relato apresenta o resultado de um projeto desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa com estudantes das turmas do 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública localizada em Várzea Grande-MT. Durante o projeto as/os estudantes participaram de atividades de ensino com ênfase no gênero textual entrevista, que tinha como objetivo geral o estudo de temas sociais considerados relevantes para a comunidade, o que incluía o racismo. A proposta buscou desenvolver a oralidade, a empatia e a escuta ativa, aproximando as/os estudantes das vivências familiares e comunitárias. O grupo formado por A, Y, P e M destacou-se ao entrevistar o pai de A, cuja fala sobre racismo e discriminação racial despertou reflexões profundas sobre respeito, identidade e valorização das diferenças. O entrevistado explicou que o racismo se manifesta de diferentes formas e metamorfoseia ao longo do tempo (Kilomba, 2019), como em atitudes cotidianas, como ofensas e comparações pejorativas, e alertou para seus efeitos emocionais e sociais, como a depressão e o isolamento (Souza, 2021). As entrevistas foram apresentadas em um seminário mediado pela professora, momento em que os estudantes compartilharam as respostas e debateram suas percepções. O diálogo coletivo ampliou a compreensão sobre o papel da escola na luta contra o racismo, evidenciando a importância da conscientização desde a infância (Carneiro, 2010). A experiência revelou-se altamente significativa, pois permitiu aos alunos desenvolverem consciência crítica e reconhecer a importância de se trabalhar Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) na Educação Básica. Ressalta-se que mais de 70% dos alunos autodeclararam-se negros, o que reforça

a importância de práticas pedagógicas que valorizem a identidade e autoestima desses sujeitos, discutir EREER, afirmando positivamente a identidade negra contribuiu para a elevação da autoestima das/os estudantes, além de favorecer de melhorar a escrita e aprendizagem do gênero entrevista, integrando saberes diversas áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação das Relações Étnico-raciais; Identidade negra; Racismo.

# **CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA – LICENCIATURA DA UFMT AO PROCESSO FORMATIVO NA PÓS-GRADUAÇÃO**

RIBEIRO, Luan Lucas Santos (PPGE-UFMT / Parfor Equidade)  
luanribeiroprof@gmail.com

SANTOS, Maria Magna Feitosa dos (PPGE-UFMT / Parfor Equidade)  
mariotafeitosa@gmail.com

COSTA, Candida Soares da (PPGE-UFMT / Parfor Equidade)  
candidasoarescosta@gmail.com

A presente produção visa promover uma reflexão sobre as possíveis contribuições do Curso de Graduação em Educação Escolar Quilombola – Segunda Licenciatura, desenvolvido pelo Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, em consonância à Resolução CONSEPE-UFMT nº 426/2023, financiado pelo Edital CAPES Nº 23/2023 – Parfor Equidade, para o processo formativo de estudantes de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação. O objetivo é refletir sobre as contribuições ao processo formativo, articulando as pesquisas em andamento e saberes adquiridos em consequência da atuação como bolsistas nas atividades de secretaria e de apoio técnico do curso. Esta experiência, que tomamos como ponto de partida, será mediada pelas contribuições teóricas a respeito das dimensões formativas requeridas na pós-graduação. Partiremos de uma pesquisa bibliográfica, ancorada em Andrade (2010), realizando levantamento no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com vistas a reunir produções que versam sobre a dimensão formativa no âmbito da Pós-graduação. Assim, por meio dessas produções, serão analisados os aspectos formativos que dialogam com as atividades desenvolvidas por discentes bolsistas do curso. Dessa forma, espera-se que as experiências vivenciadas no

curso viabilizem reflexões sobre a dimensão formativa requerida na pós-graduação, e, evidenciem, o Curso de Educação Escolar Quilombola – Segunda Licenciatura, enquanto espaço formativo comprometido com a educação das relações étnico-raciais e, com efeito, agregando aspectos relevantes para a formação e atuação profissional de discentes da pós-graduação.

**Palavras-chave:** Dimensões formativas; Pós-graduação; Educação Escolar Quilombola.

# **TECENDO LAÇOS COM O QUILOMBO – INTERCÂMBIO CULTURAL E EDUCATIVO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE QUILOMBOLA**

SANTANA, Rodrigo de França (INVEST/UNIC/AVEC)  
rodrigofrancasantana@gmail.com

BACKES, Bárbara Raquel (UNIPAR)  
barbararaquelbackes@hotmail.com

DIAS, Ines Gonçalves (UNIOESTE/UNINTER/IBITURUNA)  
aeeprofines@gmail.com

Em consonância com o Projeto Político-Pedagógico da escola, a Documento de Referência curricular realizou, inicialmente, o projeto nas turmas do 5o ano do Ensino Fundamental, estendendo-o posteriormente às demais turmas. As ações promoveram o encontro entre saberes da vida cotidiana e os saberes escolares, aproximando a escola regular da comunidade quilombola. O objetivo central foi desenvolver a Educação para as Relações Étnico-Raciais e a Educação antirracista, por meio da sensibilização, do conhecimento e do intercâmbio com a escola localizada no Quilombo Mata Cavalo, no município de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso. A escola proponente é uma instituição de tempo integral EMEBI Marton Lucca situada na zona urbana de Nova Mutum-MT, atendendo 214 estudantes. Destaca-se que a temática foi trabalhada com todos os alunos, fundamentada no uso do material estruturado e no desenvolvimento de oficinas temáticas, como capoeira, culinária, brincadeiras tradicionais, arte, literatura africana e comunicação direta com as crianças do Quilombo Mata Cavalo, por meio de e-mails, vídeo chamadas e trocas de correspondências. Autores como Nilma Lino Gomes (2003, 2012), Kabengele Munanga (2005) e Petronilha Gonçalves e Silva (2004) ressaltam que a educação para as relações étnico-raciais deve ir além das datas comemorativas, propondo uma mudança curricular e atitudinal que envolva todos os sujeitos escolares. Para esses autores, a escola é um espaço privilegiado para a desconstrução de estereótipos raciais e o fortalecimento da autoestima e do sentimento

de pertencimento das crianças negras. A partir desse trabalho coletivo, busca-se promover o diálogo, a empatia e a valorização da diversidade étnico-racial, contribuindo para uma educação mais inclusiva e cidadã. Além disso, o projeto amplia o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira e quilombola em toda a comunidade escolar. Dessa forma, visa promover a igualdade racial no ambiente educativo, combater o racismo e valorizar a diversidade cultural, na construção de uma escola mais justa, democrática e acolhedora, onde todos os estudantes se sintam respeitados e reconhecidos em sua identidade étnico-racial.

**Palavras-chave:** Intercâmbio; Quilombola; Identidade étnico-racial; Educação antirracista.



Na XIX Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, temos como tema: **Mulheres Negras nas Ciências e Tecnologias.** Essa temática é relevante para Educação das Relações Étnico-raciais no que tange a visibilidade e valorização do trabalho intelectual e ancestral realizado por mulheres negras e voltado para a emancipação humana, no enfrentamento ao racismo, machismo e capitalismo, entre outras interseccionalidade na sociedade brasileira.

